



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

**A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA COLETIVA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
PRESERVAÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES NA COMUNIDADE BREJO DA
CONCEIÇÃO EM CURRAIS, PIAUÍ**





**AMARGOSA-BA
2024**

FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

**A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA COLETIVA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
PRESERVAÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES NA COMUNIDADE BREJO DA
CONCEIÇÃO EM CURRAIS, PIAUÍ**


Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Educação do Campo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento.

**AMARGOSA-BA
2024**


 <p>PPGEDUCAMPO Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo - CFP UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA</p>  <p>CFP</p>	<p>SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA Centro de Formação de Professores - CFP Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo Site: https://www1.ufrb.edu.br/educacaodocampo/ E-mail: mestrado.campo@cfp.ufrb.edu.br</p>	 <p>UFBA Universidade Federal da Bahia Recôncavo da Bahia</p>  <p>PPGCI Núcleo de Pesquisa em Pós-Graduação, Citação e Inovação do UFBA</p>
---	---	---

ATA DE DEFESA DO TRABALHO FINAL DE CONCLUSÃO
DE CURSO DO MESTRANDO **FLÁVIO DO LAGO BARBOSA**, NO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO / MESTRADO
PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA


Ao nono dia do mês de julho de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, reuniram-se em sessão remota a Comissão Avaliadora composta pelas Professoras: Doutora Mariana Martins de Meireles (examinadora interna), Doutora. Flávia Lorena de Souza Araújo (examinadora externa) e, por mim, Doutora Priscila Brasileiro do Nascimento Silva (Orientadora), para examinar o trabalho intitulado “**RESSIGNIFICANDO AS MEMÓRIAS DA COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO, EM CURRAIS – PIAUÍ.**”, do Mestrando Flávio do Lago Barbosa. Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando a conclusão que foi **APROVADO**. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Avaliadora encerrou a reunião da qual eu, lavrei a presente ATA, que após lida e aprovada, vai assinada pelos presentes e encerrada por mim.

Documento assinado digitalmente
 **PRISCILA BRASILEIRO SILVA DO NASCIMENTO**
 Data: 12/07/2024 07:47:09-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Priscila Brasileiro do Nascimento Silva
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 **MARIANA MARTINS DE MEIRELES**
 Data: 15/07/2024 19:27:35-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Mariana Martins de Meireles
(Examinadora Interna)

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA LORENA DE SOUZA ARAUJO**
 Data: 15/07/2024 20:23:29-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Flávia Lorena de Souza Araújo
(Examinadora Externa)

Barbosa, Flávio do Lago.

B238i A Importância da memória coletiva na educação do campo: preservação e transmissão de saberes na comunidade Brejo da Conceição em Currais, Piauí. / Flávio do Lago Barbosa. – Amargosa, BA, 2024.

79 f.: il. Color.

Orientadora: Prof. Dr. Priscila Brasileiro Silva do Nascimento.
Relatório científico (Mestrado em Educação do Campo) -
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa, 2024.

Bibliografia: p. 75 -78.

Inclui Apêndice.

Inclui como produto educacional Revista em Quadrinhos com o título Origem: lutas e resistências da Comunidade Conceição

1. Educação do campo. 2. Memórias – Aspectos sociais. 3. Desenvolvimento – Sócio-territorial. I. Nascimento, Priscila Brasileiro Silva do. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

CDD – 379

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO NÚCLEO DE BIBLIOTECA SETORIAL DO
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RECÔNCAVO DA BAHIA - NUBIBS/ CFP/UFRB.

Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515

FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

ORIGEM

**LUTAS E RESISTÊNCIAS DA
COMUNIDADE CONCEIÇÃO**

PRODUTO EDUCACIONAL

**Revista em Quadrinhos, produzida para o Programa de Pós-Graduação em Educação
do Campo – PPGEDUCAMPO, no âmbito do Mestrado Profissional.**

Para acessar o produto, basta escanear o QR CODE abaixo.



A CARTA

Amargosa, 07 de junho de 2024.

Caros colegas, amigos, professores e família, escrevo-lhes para expressar a minha mais profunda gratidão, por todos sempre opinarem e sempre estarem ao meu lado quando mais tive precisão. A minha jornada até aqui não foi fácil, tive incontáveis desafios que só foi possível vencer com o apoio de todos (as), pois este trabalho é fruto de uma dedicação do coletivo, coletivo este que sempre irei levar comigo, pois cada um/uma tem um lugar especial na minha vida. Turma Dandara de Palmares, a eterna turma 10... turma que me acolheu e me ensinou o verdadeiro significado de estar juntos, que a solidariedade deve ser feita a todos sem olhar para as condições sociais, raça, gênero, cor, uma turma que sempre vou me lembrar emocionado, dos bons momentos que me proporcionaram, aqui a minha eterna gratidão... minhas queridas Deise Galvão, Carmem Lucia, Viviane, Ítala Cristina, e várias (os) outras (os) pelos conselhos e toda a ajuda que me proporcionaram durante a minha estadia na cidade. Professora Mara de Sá, palavras não expressam tamanha gratidão que sinto pelo apoio e ajuda durante o meu ingresso no curso de mestrado, sempre serei grato a senhora. Meu grande amigo Antônio José Santos, como não lembrar de você? O seu apoio em sempre me motivar a não desistir foi fundamental para que a história em quadrinhos pudesse se tornar realidade, tenho uma dívida eterna com a sua pessoa. Professora Priscila Brasileiro, agradeço a sua dedicação em orientar este trabalho, sei que foi difícil ter um orientando nesta reta final de curso, e mesmo assim aceitou a responsabilidade de conduzir esta pesquisa ao seu resultado, aqui minha eterna gratidão. As professoras Mariana Meireles e Flávia Araújo, sei que não foi fácil ler esta pesquisa, mesmo assim as senhoras deram o seu melhor para contribuir como avanço desta pesquisa, dela teremos bons Frutos em breve, espero de coração que um dia as nossas pesquisas possam se encontrar, fica aqui o meu apreço e gratidão a cada um de vocês. Estas palavras aqui expressas são um pouco da minha alegria enquanto pesquisador e camponês, espero poder ter o prazer e a honra de um dia poder encontrar cada um de vocês. Finalizo aqui esta escrita dizendo que, através da arte, podemos ver a alma, a poesia e a canção viajarem por meio de sentimentos nunca navegados pelo homem, pois como cada um expressa as suas vontades é a mais bela arte, obrigado a todos.

Ser artista na minha visão, é poder sair do mundo e entrar em outros, com histórias e uma vivência diferente. É o lugar onde se sentir seguro ou intocável é possível. Não sair do lugar e viajar a tantos outros é sempre uma boa experiência, por isso ser artista para mim é poder criar mundos e mais mundos que possa visitar apenas usando uma folha e lápis.

Gabriela Vitória Dias Ferreira.

RESUMO

O presente trabalho intitulado “**A importância da memória coletiva na educação do campo: preservação e transmissão de saberes na comunidade Brejo da Conceição em Currais, Piauí**” foi desenvolvido no âmbito da linha de pesquisa Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. Os sujeitos da pesquisa situam-se na Comunidade Brejo da Conceição, que se encontra na cidade de Currais, no sul do Estado do Piauí. A comunidade teve surgimento há mais de 50 anos com moradores que residiam na região e em regiões próximas. Em seu surgimento, ela era conhecida como “Comunidade Conceição”, após alguns tempos a mesma passou a ser conhecida como “Fazenda Conceição”, que no início teve o seu deslocamento para o atual local, que hoje todos os moradores conhecem como “Comunidade Brejo da Conceição”. Para o desenvolvimento da presente pesquisa, realizamos um estudo de caráter qualitativo, que em sua composição estabelece uma relação entre pesquisas bibliográficas e pesquisas de campo. Para a realização das pesquisas tivemos como **Objetivo Geral:** Compreender a formação histórica da Comunidade Brejo da Conceição, através das memórias, destacando sua importância na construção da identidade camponesa e na Educação do Campo, por meio da preservação e transmissão de saberes coletivos. Para tanto, tivemos como perguntas norteadoras: Como preservar e conservar as memórias dos moradores da Comunidade Brejo da Conceição para as futuras gerações? Como garantir o acesso às mesmas, em meio a uma geração tecnológica? Como utilizar as Histórias em Quadrinhos como recursos metodológicos/pedagógicos na escola da Comunidade Brejo da Conceição? Para darmos desenvolvimento à pesquisa, foram utilizados como instrumentos metodológicos questionários pré-estabelecidos que tiveram o objetivo de orientar a pesquisa. A pesquisa de campo foi desenvolvida com a participação de três grupos de moradores distintos, de modo a ter uma maior apropriação da história da comunidade, em que os grupos são denominados de “G01, G02 e G03”. A partir da pesquisa de campo, foi desenvolvido o produto educacional tecnológico história em quadrinhos, que por reunir recursos não-verbais, se adequa com mais facilidade aos diversos públicos existentes no campo, podendo atingir crianças, adolescentes e principalmente os adultos.

Palavras-chave: História, Povos Camponeses, Resistência, Memória e Histórias em Quadrinhos – HQ.

ABSTRACT

This study, entitled “The importance of collective memory in rural education: preserving and transmitting knowledge in the Brejo da Conceição community in Currais, Piauí”, was carried out as part of the Agroecology, Work and Social Movements in Rural Areas research line of the Professional Master's Degree in Rural Education at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). The subjects of the research are located in the Brejo da Conceição Community, in the town of Currais, in the south of the state of Piauí. The community began more than 50 years ago with residents who lived in the area and in nearby regions. In its early days, it was known as “Comunidade Conceição” (Conceição Community). After a while, it became known as “Fazenda Conceição” (Conceição Farm), which was then moved to its current location, which today all the residents know as “Comunidade Brejo da Conceição” (Brejo da Conceição Community). In order to develop this research, we carried out a qualitative study, which in its composition establishes a relationship between bibliographical research and field research. The general aim of the research was to understand the historical formation of the Brejo da Conceição Community through its memories, highlighting its importance in the construction of peasant identity and in rural education, through the preservation and transmission of collective knowledge. To this end, our guiding questions were: How can we preserve and conserve the memories of the residents of the Brejo da Conceição Community for future generations? How can access to them be guaranteed in the midst of a technological generation? How can comic books be used as methodological/pedagogical resources in the Brejo da Conceição Community school? In order to develop the research, pre-established questionnaires were used as methodological tools to guide the research. The field research was carried out with the participation of three different groups of residents, in order to gain a better understanding of the community's history. The groups are called “G01, G02 and G03”. Based on the field research, a technological educational product was developed - a comic book - which, because it brings together non-verbal resources, is more easily adapted to the various audiences in the countryside, reaching children, teenagers and especially adults.

Keywords: History, Peasant Peoples, Resistance, Memory and Comics.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

HQ 'S – Histórias em Quadrinhos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituição de Ensino Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Trabalho na Comunidade Brejo da Conceição.....	28
Tabela 2: Produção Animal na Comunidade Brejo da Conceição	29
Tabela 3: Produção Vegetal na Comunidade Brejo da Conceição	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Comunidade Brejo da Conceição	22
Figura 2: Vista via satélite da Comunidade Brejo da Conceição	22
Figura 3: Grupo Escolar José Francisco Santana	23
Figura 4: Dança Típica dos Festejos de Reisado (Boi)	24
Figura 5: Santa no Pé de Buriti.....	25
Figura 6: Divino Espírito Santo.....	26
Figura 7: Produção de Farinha.....	27
Figura 8: Distribuição dos Grupos de Pesquisa.....	31
Figura 9: Tipos de Balões.....	61
Figura 10: Etapa 01 – Rascunho.....	64
Figura 11: Etapa 02 – Refinação	64
Figura 12: Etapa 03 - Pintura.....	64
Figura 13: Colocação dos Textos nas Páginas	65

Sumário

INTRODUÇÃO	16
1. PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	20
1.1. O Lócus da pesquisa: Apresentação da Comunidade Brejo da Conceição	21
1.2. Desenvolvimento da pesquisa: Grupos	31
2. SOLIDARIEDADE E AJUDA MÚTUA BASEADAS NO PRINCÍPIO DA DÁDIVA (DAR, RECEBER E RETRIBUIR), NA COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO	35
2.1. Discutindo o Conceito: Solidariedade, Reciprocidade e Ajuda Mútuas como forma de mutirões	35
2.2. Uso da Memória Coletiva na Construção dos Diálogos com as Comunidades Camponesas	40
2.3. Um Retorno ao Passado: Comunidade Brejo da Conceição, Uma História de Luta, Resistência e Superação	43
3. SURGIMENTO DAS HQ'S NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL	47
3.1. Quadrinhos como Gênero Literário e o Uso no Ensino	47
3.2. Desenvolvimento dos Quadrinhos no Cenário Nacional e Internacional	49
3.3. Produtos educacionais para além da forma	56
3.4. Uma Construção do Produto Educacional	59
3.5. Formação da História em Quadrinhos Intitulada “Origem: lutas e Resistência da Comunidade Conceição”	61
3.6. Roteiro de Produção na Construção das Histórias em Quadrinhos	65
3.6.1. Roteiro para criação do produto educacional	66
3.7. Orientações para o uso em sala de aula	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	74
APÊNDICE	79

INTRODUÇÃO

Sou morador da comunidade Brejo da Conceição desde o meu nascimento. Meu processo educativo desde a minha primeira aproximação com a escola foi inteiramente dentro da Comunidade Brejo da Conceição, do maternal ao fundamental maior, que corresponde ao 9.º ano, finalizando assim os meus estudos no ano de 2012. Durante o tempo em que passei na Unidade Escolar José Francisco Santana, tive a percepção da forma como os professores e funcionários de serviços gerais se portavam diante do tratamento com as crianças e adolescentes que compõem a instituição de ensino, uma vez que todo o corpo da instituição tinha e ainda tem uma dedicação profunda pelo ensino e valorização dos indivíduos da comunidade.

Durante o meu processo educacional, tive o prazer e a honra de ter como professor *Miguel Santana de Carvalho*, meu avô e profissional que tenho como referência dentro e fora da escola neste processo. Assim como ele, existem inúmeros profissionais que me inspiram e tenho uma total admiração pela forma como ensinam. Dei início ao ensino médio no ano de 2013, estudei o meu 1º ano na sede do município (Currais), quando tinha que me deslocar cerca de 16 quilômetros para ir e mais outros 16 quilômetros para voltar, às vezes era divertido, porém muito cansativo pela jornada. E pelas condições que tanto o transporte quanto a escola apresentavam, acabei por me desmotivar e no ano seguinte, em 2014, dei início aos meus estudos na Cidade de Bom Jesus, que é cerca de 08 quilômetros da cidade de Currais. Na cidade de Bom Jesus, morei por 02 anos, podendo assim realizar a conclusão do ensino médio no Centro de Ensino Médio de Tempo Integral – CEMTI – Franklin Dória, no ano de 2015.

Em meados de janeiro de 2016, ingressei no curso de “*Técnico em Agronegócio*”, pois tinha a visão de que esta área pudesse vir a ser útil pelo simples fato de as minhas origens serem da roça, sendo a área mais adequada ao meu local de moradia e origens. Finalizei o referido curso no ano de 2018 no Colégio Técnico de Bom Jesus - CTBJ.

Durante a minha formação, pude ver que o ato de ensinar era mais forte, mesmo os meus familiares dizendo que eu iria vir a me tornar “médico”, não sou fã de ver agulhas e afins, em conversas com colegas fiquei sabendo de um curso que se intitula “Licenciatura em Educação do Campo – LEDOC”, em que pude ver a oportunidade de seguir carreira na área da docência. No ano de 2016, ao ingressar no ensino superior, tive o prazer de conhecer colegas de turma e estudar com uma pessoa que sempre esteve ao meu lado desde o ensino fundamental, Camila Felipe de Oliveira, que sempre me apoiou dentro e fora da academia. Ao longo dos 04

anos de formação, tive a compreensão de questões relacionadas ao campo e ao sistema do agronegócio, e hoje sei das contradições e formas de alienação dos povos camponeses.

Diante de tal visão, hoje tenho uma maior compreensão e entendimento da importância da minha comunidade e dos processos de formação históricos que constituíram e constituem até os dias atuais. Partindo deste pressuposto, e querendo trazer à luz as questões comunitárias que existiram dentro da mesma, durante os anos finais de minha graduação, busquei fazer pesquisas sobre a história e formação da “Comunidade Conceição”, assim como era conhecida no início pelos moradores. Durante as disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC I e TCC II, pude desenvolver o trabalho que se intitula “*História, Resistência e Modos de produção na Comunidade Brejo da Conceição, Currais-PI*”, sob orientação do professor doutor João Paulo Charrone, e ele submeteu o trabalho à publicação na revista AEDOS, de Porto Alegre.

Partindo da minha trajetória como morador da comunidade e pesquisador acadêmico, contive, ao longo da minha jornada de pesquisas, a percepção das vivências, das histórias e desafios enfrentados pelos habitantes da comunidade, tanto no que tange ao surgimento quanto à formação identitária e cultural dos moradores da comunidade Brejo da Conceição. A partir das experiências vividas em primeira mão, o presente trabalho tem o intuito de dialogar com as histórias destes moradores, histórias estas que fazem parte da minha formação e construção identitária. O anseio de preservar e transmitir os saberes coletivos é uma forma de honrar as gerações passadas e garantir que as futuras gerações tenham acesso a suas raízes e histórias. Assim, o trabalho se torna um meio de expressão e valorização da identidade camponesa, promovendo um sentimento de pertencimento e orgulho entre os moradores da Comunidade Brejo da Conceição.

Socialmente, a pesquisa aborda a preservação das memórias e saberes da comunidade Brejo da Conceição, que, muitas vezes, são esquecidos ou subestimados em um contexto de globalização e modernização que tende a marginalizar as vozes das comunidades camponesas. Ao resgatar e valorizar essas memórias, o trabalho contribui para a construção de uma identidade coletiva forte, promovendo a resistência cultural e a valorização das práticas tradicionais fundamentais para a coesão social e a sustentabilidade da comunidade. Além disso, a utilização das Histórias em Quadrinhos como um recurso pedagógico inovador permite que essas narrativas alcancem diferentes faixas etárias, facilitando o acesso à educação e à cultura local, especialmente em um contexto em que muitos moradores enfrentam dificuldades de alfabetização.

Diante das colocações realizadas acima, a pesquisa foi desenvolvida na linha de pesquisa “Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo e Educação” do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, e tem como objeto de investigação “*A Importância da Memória Coletiva na Educação do Campo: Preservação e Transmissão de Saberes na Comunidade Brejo da Conceição em Currais, Piauí*”. Para além da investigação que se seguirá, iremos versar sobre a construção de uma História em Quadrinhos, a qual visa preservar as histórias e memórias dos moradores da Comunidade Brejo da Conceição, em seu surgimento.

Para a realização das pesquisas, tivemos como **Objetivo Geral**: Compreender a formação histórica da Comunidade Brejo da Conceição, através das memórias, destacando sua importância na construção da identidade camponesa e na educação do campo, por meio da preservação e transmissão de saberes coletivos. Já os **Objetivos Específicos**: a) Analisar o processo histórico de formação da comunidade Brejo da Conceição, identificando as narrativas e experiências dos moradores que contribuíram para sua construção identitária; b) Investigar a relevância da memória coletiva na resistência e na coesão social dos povos camponeses, ressaltando como essas memórias influenciam as práticas culturais e sociais da comunidade; c) Realizar uma pesquisa narrativa, coletando relatos dos moradores para compreender suas vivências e a construção de suas histórias; d) Desenvolver um produto educacional na forma de uma História em Quadrinhos que representa as lutas e saberes da comunidade, facilitando o acesso à educação e à cultura local para diferentes faixas etárias; f) Contribuir para a preservação das histórias e saberes da comunidade Brejo da Conceição, utilizando as Histórias em Quadrinhos como um recurso visual eficaz para a disseminação dessas narrativas entre as gerações atuais e futuras.

Tivemos inquietações, perguntas que foram essenciais para a formulação da pesquisa, a saber: Como preservar e conservar as memórias dos moradores da Comunidade Brejo da Conceição para as futuras gerações? Como garantir o acesso às mesmas, em meio a uma geração tecnológica? Como utilizar as Histórias em Quadrinhos como recursos metodológicos/pedagógicos na escola da Comunidade Brejo da Conceição? Estas são questões que direcionam a produção em sua completude.

Diante do que foi exposto, para a discussão dos temas abordados anteriormente, propomos realizar a seguinte organização: o trabalho foi dividido em tópicos/momentos para melhor compreensão dos temas aqui expostos. No *Tópico I*, trago todo o percurso metodológico aplicado no desenvolvimento da pesquisa, assim como os grupos que foram essenciais para o levantamento dos dados dela. Neste momento, durante o desenvolvimento do presente capítulo,

iremos nos debruçar sobre a “pesquisa qualitativa”, assim como as pesquisas bibliográficas que foram de fundamental importância para o andamento e entendimento de diversas questões inerentes à construção do presente relatório. Um dos alicerces para a construção foi a pesquisa narrativa que teve como ponto de partida as rodas de conversas, ajudando no entendimento de diversas questões camponesas que foram surgindo ao longo das conversas.

Para o desenvolvimento do *Tópico II*, propomos dialogar com as memórias e vivências dos povos camponeses da comunidade Brejo da Conceição. A memória coletiva teve um papel fundamental nesta jornada de construção identitária, pois para além de meras histórias, temos resistência de um povo que luta pelos seus direitos de “permanência”. Aqui, ao utilizarmos a palavra “permanência”, estamos denunciando, mesmo que de forma silenciosa, os abusos dos grandes produtores com os pequenos camponeses, que em sua essência, apenas lutam por “construção, educação, preservação”. Os estudos acerca da memória nos possibilitam ter o entendimento das lutas que são travadas diariamente pelos camponeses, pois não basta apenas reproduzir a sua própria existência, o camponês tem que, no ditado popular, “matar vários leões por dia”.

No *Tópico III*, me proponho a discutir sobre as histórias em quadrinhos no que tange ao seu surgimento, tanto no cenário nacional quanto internacional, assim como o seu uso no âmbito educacional. As discussões que seguem são ancoradas em autores como Álvaro de Moya (1986), Cirne (2002), entre outras mentes brilhantes que, em meio aos desafios de sua época, se propuseram a realizar estudos sobre os universos quadrinizados. Para além dos discursos sobre a construção das histórias em quadrinhos, versamos sobre a construção do produto educacional, que é um dos requisitos obrigatórios para o desenvolvimento do mestrado profissional. Ele visa articular as discussões entre memória coletiva e a identidade camponesa com a construção de uma história em quadrinhos que em sua essência tem o objetivo de mostrar de forma ilustrada as vivências e construções dos moradores da comunidade, dando assim o devido retorno para a comunidade.

No momento seguinte, iremos nos debruçar sobre todo o percurso metodológico que compõe este trabalho de pesquisa, uma vez que a metodologia é fundamental para a formação e construção de todo o corpo do trabalho.

1. PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, realizamos um estudo de caráter qualitativo, que em sua composição estabelece uma relação entre pesquisas bibliográficas e pesquisas de campo. Os estudos sobre “Pesquisa Narrativa” têm a finalidade de buscar registros de memórias de pessoas que vivenciaram acontecimentos fundamentais para a formação histórica de vida dos moradores da “Comunidade Conceição” atual Brejo da Conceição. Halbwachs (1990) nos diz que história não são apenas datas comemorativas e acontecimentos considerados importantes para a sociedade, história é memória e através da oralidade podemos ter conhecimento das vivências dos camponeses de modo geral. Os relatos e suas narrativas podem auxiliar na compreensão das construções comunitárias estabelecidas dentro das comunidades tradicionais.

Achamos pertinente realizar uma discussão sobre narrativa. Recorremos a Paiva (2008), quando ele diz que uma narrativa pode ser “uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados” (Paiva, 2008, p. 261). As narrativas, como podemos ver na citação acima, se manifestam de diversas formas, podendo ser vistas no simples fato de relatarem um acontecimento que muitas vezes tenha acontecido em um passado distante. Bruner (2002) comenta que “uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” (Bruner, 2002, p. 46). Os eventos que cercam a vida dos povos camponeses se tornam narrativas valiosas.

Paiva (2008) e Bruner (2002) concordam quanto à forma como as narrativas se estruturam, as narrativas em sua grande maioria utilizam de acontecimentos “reais” para se estruturar, assim como as histórias que podem ser fictícias, partindo de pressupostos vivenciados e histórias mais que reais, de lutas e resistências. As narrativas estão presentes em nosso dia a dia, na forma como nos comunicamos, lembramos de acontecimentos, dialogamos com outras pessoas de diferentes regiões. Em meio à falta de escrita dos povos tradicionais, a narrativa, o “contar histórias”, se faz presente.

Partindo da narrativa como método de pesquisa investigativa, Clandinin e Connelly (2000, p. 20) entendem que a pesquisa narrativa é “uma forma de entender a experiência”. Paiva (2008), comenta que:

[...] A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará

informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo (Paiva, 2008, p. 263).

Como podemos ver, a pesquisa narrativa nos possibilita termos o entendimento de acontecimentos de diversas naturezas, assim como podemos ter acesso a histórias de vida que muitas vezes são disponibilizadas através das narrativas e contos de protagonistas que em sua maioria não fazem parte da história dos vencedores.

As narrativas encontram o seu alicerce em diversas formas, conversas formais em que o pesquisador fica frente a frente com o entrevistado, seguindo uma sequência de perguntas pré-elaboradas por ele. Diante das múltiplas facetas que as narrativas nos possibilitam, procuramos dialogar com as “rodas de conversas”, que em sua maioria nos proporcionam um maior desenvolvimento e fluidez nas conversas com as fontes de pesquisas, uma vez que as entrevistas formais não capturam a essência das narrativas livres, sendo assim insuficientes. Pinheiro (2020) destaca uma característica importante nas rodas de conversas em suas palavras:

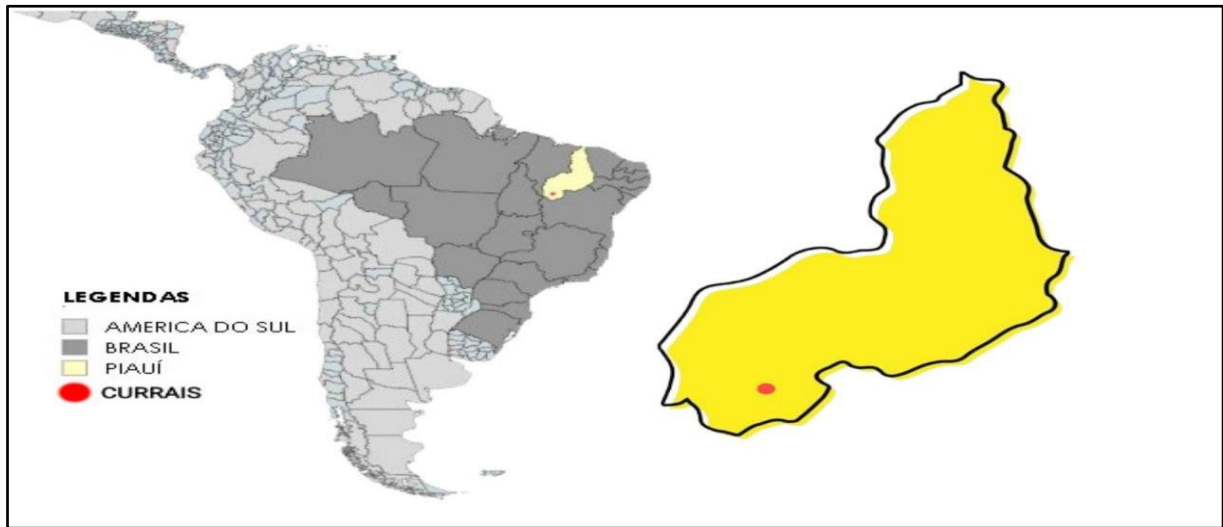
Poderíamos destacar logo de início é a condição culturalmente defluente das rodas de conversa. As pessoas convidadas a integrá-las carregam consigo vivências neste sentido; a chegada ao encontro não é isenta de experiências próprias em práticas de conversação e partilha, que podem estar ligadas a ações educativas reconhecidas no campo, articuladas a costumes comunitários ou, de maneira mais abrangente, associadas às relações sociáveis que produzimos (Pinheiro, 2020, p. 03).

Nesse sentido, as rodas de conversas podem trazer à luz das evidências experiências que muitas vezes no individualismo não são apontadas, uma conversa com pessoas de seu conhecimento pode deixar quem tem o “contar histórias” mais à vontade para discorrer sobre questões que tenham caído no “esquecimento”, ou mesmo colocadas em modo “subterrâneo”.

1.1. O Lócus da pesquisa: Apresentação da Comunidade Brejo da Conceição

A Comunidade Brejo da Conceição encontra-se na cidade de Currais, no sul do Estado do Piauí. A comunidade teve surgimento há mais de 50 anos com moradores que residiam na região e em regiões próximas. Em seu surgimento, ela era conhecida como “Comunidade Conceição”, após alguns tempos a mesma passou a ser conhecida como “Fazenda Conceição”, que no início teve o seu deslocamento para o atual local, o qual hoje todos os moradores conhecem como “Comunidade Brejo da Conceição”. A Cidade de Currais, conforme o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), conta com 4.854 habitantes. A comunidade está a cerca de 16 quilômetros da sede, tendo um pouco mais de 700 habitantes.

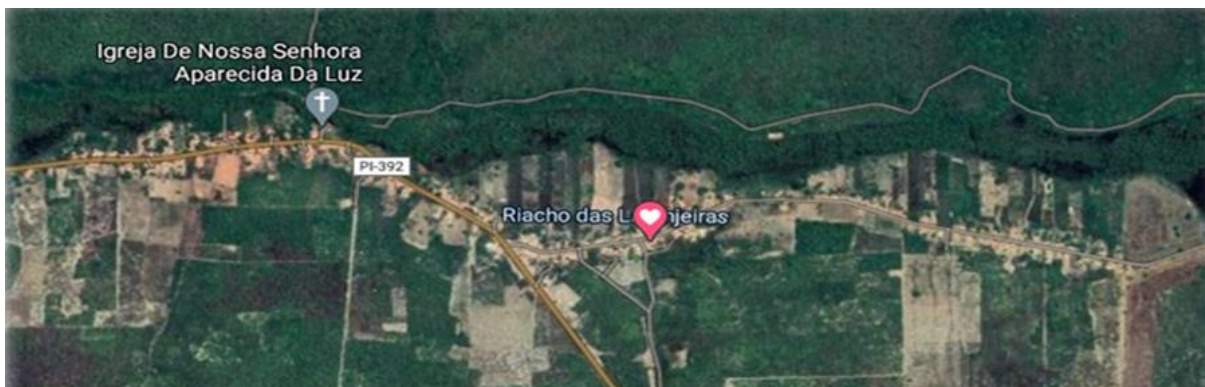
Figura 1: Localização da Comunidade Brejo da Conceição



Fonte: Elaboração própria.

Como podemos ver no mapa acima, a Comunidade Brejo da Conceição encontra-se em uma região ao sul do estado do Piauí e tem como clima predominante o tropical quente e úmido, e semiárido. Atualmente, a comunidade tem aproximadamente 300 famílias, composta por duas vias, dentre as quais uma é a PI-392, de gerenciamento Estadual, e a segunda é rua única, de gerenciamento municipal. Na comunidade, pode-se encontrar mercado de pequeno porte, estabelecimentos de consumo de bebidas alcoólicas, iluminação pública e 03 (três) pontos de abastecimento de água, pois, pelo fato de ser uma comunidade extensa, tende à necessidade de se ter mais de um poço artesiano.

Figura 2: Vista via satélite da Comunidade Brejo da Conceição



Fonte: Disponível em: www.Google Maps.com.br/ Acesso em: 26. nov. 2023.

Há também na comunidade uma escola que se chama Grupo Escolar José Francisco Santana, que tem funcionamento regular nos turnos matutino, vespertino e noturno. O ensino desta instituição compreende desde a educação infantil, fundamental, menor e maior de 9 anos, assim como oferece o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) da I à V etapa. Após muita luta, a escola ganhou um novo visual, passando por uma reforma que durou 01 (um) ano, foram construídas novas dependências, como banheiros mais adequados, quadra esportiva, cantina mais ampla, sala para os professores e biblioteca. Nas imagens abaixo, veremos a mesma.

Figura 3: Grupo Escolar José Francisco Santana



Fonte: Portal B1 (2024).

A Comunidade é composta por diversas entidades religiosas, sendo uma delas o catolicismo, uma das mais predominantes na região. Os moradores são bastante religiosos, tanto do lado do catolicismo quanto do lado protestante. Em termos culturais, comunidade é bem diversificada, há a presença de vários festejos de entidades religiosas, como Santo Antônio, São Pedro, São João, Santos Reis, Festejos de Nossa Senhora Aparecida da Luz e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, entre outros. Durante o final de dezembro e início de janeiro, é festejado o Santos Reis, conhecido na região como festas de reis ou dança das “caretas”, que consiste em várias pessoas que se caracterizam com roupas feitas à mão.

Para a dança das “caretas” é feita uma roupa toda de palha, feita da palmeira Buriti (*Mauritia flexuosa*), pois a palha buriti tem diversas utilidades, desde a criação de artesanatos a roupas de dança. Durante os festejos, os foliões acompanham as rezadeiras que saem de casa

em casa cantando as músicas típicas do festejo, o corpo artístico é composto por: Caretas, Caipora, Burrinha e Alferes, Boi, e as tradicionais velhas, as quais são o encanto do festejo, o mesmo, reúnem pessoas de várias cidades. Esta festividade pode ser vista através do link¹, em que foi gravada durante os festejos de “Santos Reis” em sua última noite. Aqui, encontra-se registrada uma das mais belas festas que a Comunidade Brejo da Conceição oferece a quem nos visita. Abaixo encontram-se duas figuras de dois momentos na dança, o “Alferes e o Boi”, duas grandes atrações, elas estão rodeadas das tradicionais “caretas”.

Figura 4: Dança Típica dos Festejos de Reisado (Boi)



Fonte: Acervo do autor.

Na comunidade, algo que chamou bastante atenção foi o surgimento da “Santa do Pé de Buriti”, figura religiosa que agrega muita fé e devoção dos religiosos locais. A Comunidade Brejo da Conceição, para muitos devotos católicos, foi agraciada por este fenômeno considerado por muitos de místico ou “Bênção Divina”. O acontecimento, aqui narrado, se deu no ano de 2009, no dia 27 de setembro, na residência da dona Lurdes, aparecendo assim a imagem da Santa. No início, muitas pessoas não acreditaram, dizendo ser apenas um borrão na madeira da palmeira. Após muitas discussões dentro da comunidade e com diversas entidades religiosas da igreja católica, disseram que provavelmente poderia ser uma imagem considerada religiosa. Um fato que chamou a atenção de todos os moradores e dos mais de 400 visitantes

¹ Festejos de santos Reis, produção audiovisual de autoria de Flávio do Lago Barbosa. Gravação realizada dia 06/01/2023. Link - <https://youtu.be/BwIsDvMJA10>

do sábado, segundo moradores da região, foi o surgimento de uma “Luz”, na palha da palmeira do Buriti.

Figura 5: Santa no Pé de Buriti



Fonte: Acervo do autor.

Em termos gerais, pode-se perceber que esse novo acontecimento do surgimento da “Luz”, que até os dias atuais nenhuma entidade religiosa conseguiu explicar, foi um fenômeno atribuído inteiramente à “santa”, por este motivo as entidades religiosas do Catolicismo da região que comandam a igreja consagraram a imagem com o nome de “Nossa Senhora Aparecida da Luz”. Para além do acontecimento, a comunidade é bem acolhedora no que diz respeito às entidades religiosas, como as “igrejas evangélicas”, ambas as religiões coexistem em harmonia, para propagar os seus ensinamentos e doutrinas.

Outro grande festejo que se destaca é a novena de “Santo Antônio” e do “Divino Espírito Santo”, festejada no mês de agosto pelos católicos devotos de ambos os santos. Os festejos de Santo Antônio acontecem entre os dias 01 e 13 de junho, sendo no dia 13 comemorado o dia do santo com festas, missa, almoço tradicional e muita diversão. Nos dias 15 a 23 de agosto são comemorados os festejos do “Divino Espírito Santo”, que costumam acontecer com a passagem do santo pelas casas dos devotos, e novenas durante a noite.

Figura 6: Divino Espírito Santo



Fonte: Acervo do autor.

Podemos destacar um movimento que também chama bastante atenção na comunidade: durante a semana santa, várias pessoas se reúnem para praticar jogos de diversas naturezas; um movimento que merece destaque aqui é quando os moradores sobem em uma espécie de “Pau de Sebo”, que consiste em uma madeira bem alta, toda coberta de sebo animal, na sua ponta os realizadores do evento colocam dinheiro e os praticantes tendem a subir escorregando pelo mesmo para apanhar o dinheiro. Durante a festa, outro momento icônico é quando criam uma espécie de cerca quadrada e colocam no meio uma espécie de espantalho, simulando o “Judas”, o traidor de Jesus. Ao redor, ficam pessoas com chicotes batendo em quem tenta pegar o dinheiro dos bolsos do boneco.

A comunidade Brejo da Conceição tem uma forma de produção baseada na produção de subsistência, em que as culturas mais produzidas são: milho, feijão, mandioca, farinha, tapioca, capim e hortaliças. Na localidade, podemos encontrar a presença de trabalhos assalariados como, por exemplo, na área da educação e de serviços gerais, este é o cargo chefe da comunidade, o modo de produção doméstica (MPD) abrange tanto a criação de animais (bovinos, suínos, galináceos), quanto a produção e/ou cultivo de alimentos para o próprio consumo ou também para a venda. Este último modo de produção, ainda que tenha o seu

desenvolvimento de forma lenta, em sua maioria é o que mais garante a soberania alimentar da comunidade.

Quando mencionamos “renda”, a palavra remete ao ganho de grandes quantias exorbitantes, aqui a palavra tem outro sentido, o de preservação e manutenção da vida camponesa, a renda proveniente do MPD é um processo demorado, como a plantação da mandioca, pois esta tem o seu período de plantio e colheita, a sua extração pode demorar até 02 (dois) anos, é uma das culturas que mais demora para poder gerar dinheiro, uma tarefa de terra pode gerar mais de 25 sacas de farinha. A sua transformação, ou seja, processamento, é feita de forma artesanal, obtendo assim a farinha ou tapioca, ambas são provenientes da mesma planta. Após feito este processo, o agricultor irá vender seu produto, para poder garantir recursos que comprem alimentos industrializados.

Figura 7: Produção de Farinha



Fonte: Acervo do autor.

Vale ressaltar que a mandioca é o produto mais cultivado na comunidade, depois vêm os demais: feijão, milho, capim e hortaliças. No caso do cultivo de feijão, tem um período certo para então plantar e colher, que é apenas no período de chuva, ou seja, o inverno. É plantado assim que caem as primeiras chuvas e dura cerca de 2 (dois) meses, para a chamada “pega do feijão”, que é a colheita. O buriti é outro meio de renda, deste fruto podemos fazer polpas para

a venda, doces, dos seus talos podemos fazer cestos, balaios e esteiras que servem para o descanso, suas folhas podem ser utilizadas para a confecção de vassouras ou até mesmo para a elaboração de uma roupa típica tradicional, utilizada nos festejos de santos reis, conhecidos como a “festa de reis ou reisado”, sendo festejados no período de 01 a 06 de janeiro por rezadeiras locais, tal atração chama atenção de muitas pessoas de outras regiões, sendo uma atração única e bastante representativa.

Outra forma de renda que podemos trazer à luz dos discursos é a presença do sistema do agronegócio na região, a comunidade está cercada dos grandes centros produtores de soja do sul do Estado do Piauí. Estes centros influenciam e geram um impacto na produção agrícola da comunidade, pois muitos jovens e adultos optam por procurar empregos registrados nestes centros, uma vez que o único emprego assalariado dentro da comunidade é via concurso ou prestadores de serviços na escola via contratação da “prefeitura da cidade”. Esse sistema impacta diretamente na produção agrícola da comunidade, sendo que os produtores da região deixam as suas roças para estarem no período de chuva prestando serviços para os grandes produtores, muitos têm contratos temporários de 90 dias, ao retornarem para as famílias, o período crucial de chuvas para plantar já está no fim.

O processo de produção artesanal tem um grande impacto na renda da comunidade, assim como o trabalho autônomo, este último refere-se às pessoas que prestam serviços na comunidade, como pedreiros, serventes, roçadores, entre outros. Para ilustrar o trabalho dentro da comunidade, trago a tabela abaixo, que pretende mostrar a realidade do trabalho desenvolvido pela comunidade. Para esse levantamento, foram levados em consideração os sujeitos das rodas de conversas realizadas nos 03 (três) grupos de pesquisa, a fim de obtermos porcentagens mais próximas da realidade. Para o levantamento, tivemos cerca de 70 pessoas.

Tabela 1: Trabalho na Comunidade Brejo da Conceição

TIPOS DE TRABALHO	
TRABALHO	PORCENTAGEM
Modo de Produção Doméstica	49,4%
Assalariados	22,8%
Extrativista	08,9%
Autônomos	19%

Fonte: Elaboração própria do autor.

Podemos ter a percepção de que a atividade que sempre vai predominar na comunidade é o MPD. Por mais que o tempo passe, que ela cresça e evolua, o que vai sempre prevalecer é a “agricultura familiar”, pois os moradores sempre terão suas terras para cuidar, plantar, criar etc. Cada pai passa para seu filho o modo de viver no campo, tornando assim a agricultura familiar e de subsistência a principal fonte de renda do morador do campo ou pelo menos a renda predominante. Os moradores em sua maioria produzem ou criam algum tipo de animal para o seu próprio consumo e posteriormente para a venda. A pesquisa gerou o seguinte resultado.

Tabela 2: Produção Animal na Comunidade Brejo da Conceição

CRIAÇÃO ANIMAL			
ANIMAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM	VALOR FINAL
Galináceos	20 – P	31,3%	30,00 - 80,00 reais.
Suínos	27 – P	42,2%	600,00 – 2.000 reais.
Bovinos	10 – P	15,6%	1.500 – 4.000 reais.
Outros	07 – P	10,9%	300 – 700 reais.

Fonte: Elaboração própria do autor.

Como podemos perceber, a criação de suínos tem uma maior porcentagem, chegando assim quase aos 50%, esta alta taxa se dá devido às facilidades de criação, uma vez que o excedente, ou seja, as sobras do dia anterior podem ser facilmente consumidas pelos animais, esta é uma prática comum dentro da comunidade, pois a ração é de custo elevado. A criação de galináceos segue liderando a produção, por sua facilidade de criação, uma vez que as galinhas de corte não exigem tanta demanda de tempo para os cuidados com estes animais. Deste modo, em sua grande maioria são destinadas ao consumo do próprio núcleo familiar, diminuindo assim os gastos na compra deste produto. A criação de bovinos dentro da comunidade é bem baixa, tendo aí os seus 15% da produção animal. Um dos motivos que impactam na sua produção são as condições que esta modalidade oferece, uma vez que os criadores dependem muito da chuva para a produção de capim, assim como terem uma boa produção. No que se refere à categoria “outros”, na mesma estão contidos outros tipos de animais, como patos, capotes, entre outros, que correspondem a apenas 10% da produção animal, cuja criação na comunidade é rara.

Por mais que tenhamos a produção de grandes centros de Bovinocultura nos polos agroindustriais, podemos ter a percepção de que a maioria dos moradores não têm domínio das

técnicas de cuidados e rentabilidades que o mercado oferece, diminuindo assim o potencial de criação e manejo destas categorias produtivas. No que diz respeito à produção vegetal da comunidade, podemos ver que a sua maioria planta algum tipo de alimento que ajuda na complementação da renda destas famílias. Na tabela a seguir podemos ter uma maior noção desta categoria produtiva.

Tabela 3: Produção Vegetal na Comunidade Brejo da Conceição

PRODUÇÃO VEGETAL		
PRODUTO	PORCENTAGEM	VALOR FINAL
Feijão	33,8%	350,00 reais a saca.
Milho	26,3%	90,00 reais a saca.
Mandioca (farinha)	35,4%	250,00 reais a saca.

Fonte: Elaboração própria do autor.

Esses produtos são considerados, em sua maioria, como os carros-chefe da comunidade. O feijão, por ser um produto bastante consumido, tem um maior valor, uma vez que os períodos de produção são de curta duração. O milho tem um peso pequeno na produção, pois o seu consumo por parte dos moradores é considerado menor, e o seu período de produção tem uma curta duração, sendo restrito apenas ao período de chuvas, ou seja, o inverno. Para a mandioca, o seu período de produção é bem maior, podendo chegar a mais de 02 anos de espera, como foi apontado anteriormente, podendo gerar mais de 100 sacas por colheita, a mesma pode ser armazenada por até 02 anos.

Em vias de complemento da renda familiar bruta, muitas famílias recebem ajudas do governo, como o “Bolsa-Família”, que em sua maioria é responsável por aproximadamente 85% da renda encontrada dentro da comunidade. Portanto, muitas famílias estão longe de estar em um nível econômico considerável pela grande maioria da sociedade. Outra fonte de renda que agrega na comunidade são os pensionistas e aposentados, que em sua maioria somam cerca de 16%, este último grupo, devido às grandes filas nos órgãos responsáveis, acabam por ter atrasos de anos na liberação do benefício. A renda gerada por artesanato pode chegar em média a 240 (duzentos e quarenta reais) na mesma, o fato é que, sem a devida ajuda necessária, essas famílias ainda vão continuar paradas no tempo, pois com a grande globalização, essas famílias humildes do campo não têm muitas chances para crescer. Com os fatos apresentados, podemos ter uma visão bastante esclarecedora da situação econômica em que se encontra a localidade

Brejo da Conceição, desde a antiguidade até os dias atuais. Podemos ver também que as mudanças ocorridas não foram bastantes para melhorar a situação econômica da comunidade.

1.2. Desenvolvimento da pesquisa: Grupos

Partindo do pressuposto apontado por Joutard (2000) sobre dar voz aos oprimidos, a pesquisa de campo teve o seu desenvolvimento no âmbito das rodas de conversa, ancoradas nas pesquisas narrativas. Para darmos desenvolvimento à pesquisa, achamos pertinente dividir a mesma em encontros/momentos. Os participantes da pesquisa são moradores da comunidade Brejo da Conceição, com idade entre 50 e 90 anos. Trata-se aqui de senhoras e senhores que vivenciaram todo o processo de construção da comunidade “Conceição”, assim como os seus filhos, que vivenciaram acontecimentos tidos como “Bons e Maus”. Foram utilizados questionários pré-estabelecidos que tiveram o objetivo de orientar a pesquisa, pois acreditamos que durante as entrevistas muitas outras perguntas podem surgir e os diálogos podem tomar rumos diversos, e as perguntas pré-moldadas limitam o campo investigativo da pesquisa, neste sentido, o questionário é apenas uma base para o desenvolvimento do todo.

A pesquisa de campo foi desenvolvida com a participação de três grupos de moradores distintos, de modo a ter uma maior apropriação da história da comunidade. Aqui tratarei os grupos como G-01, G-02 e G-03; na imagem abaixo, mostro como foi feita a divisão dos três grupos de pesquisas. A escolha dos grupos se deu a partir da geolocalização dos moradores dentro da própria comunidade, uma vez que é bastante extensa. Achei pertinente dividir em três partes, lado direito, centro e lado esquerdo. A comunidade, como foi mostrado na figura 02, é composta pela PI-392, e uma rua única, formando assim a extensão da Comunidade Brejo da Conceição.

Figura 8: Distribuição dos Grupos de Pesquisa



Fonte: Google Maps, edição de Flávio do Lago Barbosa.

Para o primeiro encontro/momento, me reuni com o G-01, lado direito, que foi composto por uma família que, durante o processo de coleta de dados, estava realizando a “farinhada” aqui na comunidade, este momento de trabalho foi um momento considerado pelo pesquisador como “perfeito”, pois se tratava de uma tarefa em que a troca de experiência se faz mais presente. Durante a conversa, encontravam-se no local cerca de 13 adultos, assim como vários jovens e crianças que fazem do momento uma de suas diversões. No chamado monte de mandioca, havia os familiares e vizinhos do senhor que era o dono da residência. Todos se reúnem no formato de uma roda para poderem processar a mandioca e assim obter a “farinha”, é neste contexto que a conversa se estabeleceu e se desenvolveu.

Para o segundo encontro/momento, me reuni com o G-02, lado esquerdo, composto por pessoas que são da vizinhança, em uma residência durante uma das maiores festividades da comunidade, em que as famílias se reúnem para celebrar a “semana santa”. Durante a reunião, pude contar com a presença de familiares e vizinhos. Havia cerca de 17 adultos, jovens e crianças. Após o tradicional almoço, todos se reuniram em roda embaixo de um pé de manga, o que nos proporcionou um momento agradável pelo frescor e sombra. No decorrer das conversas, tivemos vários jogos tradicionais, como jogos de cartas, dominó, pega-pega, rodar pião, entre outras. O momento foi uma pura troca de experiências riquíssimas, contando com a descontração que o momento nos proporcionou.

Para o terceiro encontro/momento, me reuni com o G-03, que está localizado no centro. Para a escolha dos participantes do G-03, levei em consideração a escola da comunidade, que oferece o ensino em três etapas, a saber: ensino fundamental menor, maior e EJA. Em especial, escolhi a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos, por reunir pessoas de diversas idades e estarem localizadas em vários pontos da comunidade. Na escola, tivemos, no ano de 2023, cerca de 76 matrículas na modalidade de ensino da EJA, essa modalidade é dividida por etapas, contendo 05 (cinco) etapas de ensino.

Para o desenvolvimento da pesquisa com esse último grupo, foi realizada a articulação que coincide com o dia que a instituição de ensino utiliza para a realização de atividades extracurriculares, desenvolvendo rodas de conversas, cinema na escola, troca de experiências em diversas formas, e através destas atividades achei pertinente o desenvolvimento neste âmbito. Nesse dia, pude contar com a presença de cerca de 28 alunos e a equipe educacional do Grupo Escolar José Francisco Santana.

No momento seguinte às rodas de conversas, reunimos as pesquisas de campo em um texto, o qual está descrito mais adiante. Pude ter a percepção de como os moradores da

Conceição se organizavam, produziam a sua existência. Me propus a escrever sobre o surgimento da comunidade, o qual é um dos reais focos desta pesquisa, dando assim uma estrutura escrita para as falas dos camponeses, não obstante o mestrado do qual faço parte ter um rigor em seu desenvolvimento de criação de um produto educacional, pois trata-se de um Mestrado Profissional em Educação do Campo.

Visando atender à exigência do programa, e mediante as inquietações que me movem enquanto pesquisador, durante o desenvolvimento da disciplina de “produtos tecnológicos”, fui instigado a desenvolver um produto que traga as implicações políticas, metodológicas e sociais para o desenvolvimento desta pesquisa. Uma das inquietações que sempre esteve presente em minha vida estudantil e social foi o retorno para a comunidade, uma vez que é através dos conhecimentos contidos nelas que as pesquisas se desenvolvem. Como ponto de partida, a partir das indagações com meus amigos Antônio José e Daniela Araújo nas nossas rodas de conversa, em que sempre nos propomos a discutir sobre o universo das ficções, do imaginário, criando e recriando teorias em mundos fictícios, pensamos em retratar a realidade vivida por essa comunidade.

Este pequeno grupo de amigos, em meio a suas teorias, se propõe a criar uma história que reúne drama, medo e fantasia. O grupo, em suas discussões diversas, se propôs a criar uma história que culminaria em uma “História em Quadrinhos”, que teve o seu desenvolvimento até a primeira parte. Este foi o combustível que proporcionou a criação do produto educacional, a “HQ”, que, durante a disciplina, me senti motivado pelos professores Mariana de Meireles e Franklin de Carvalho a produzir. Ao desenvolver as pesquisas para a criação do projeto da disciplina, fui instigado a realizar uma investigação sobre o alcance social que as Histórias em Quadrinhos podem ter dentro das comunidades camponesas. Durante as pesquisas, tive a percepção de que os moradores da comunidade são senhoras e senhores que não têm o domínio da leitura, dizendo de outra forma, são tidos como “Analfabetos”.

Para que o produto possa atender às exigências e mediante a questão do analfabetismo no campo, as histórias em quadrinhos, por reunirem recursos não-verbais, se adequam com mais facilidade aos diversos públicos existentes no campo, podendo atingir crianças, adolescentes e principalmente os adultos. A utilização de imagens aliadas aos textos pode aguçar a imaginação de quem lê, uma vez que a pessoa que não tem domínio ou até mesmo não sabe ler, pode, através das imagens, fazer uma leitura da mensagem que a história em quadrinhos se propõe a passar para o leitor. Mediante tais colocações e a reunião das pesquisas de campo em textos, foi desenvolvida a História em Quadrinhos que reúne as lutas, memórias e vivências do povo camponês.

Nesse momento, para a criação das HQ 's, reunimos os dados no formato de roteiro, este tem a finalidade de dar uma maior visão ao desenhista no que diz respeito à forma das imagens, do cenário, dos personagens, o tempo em que a história se passa, entre outros elementos. Os desenhos tiveram como peça fundamental para sua criação a colaboração de artistas que se propuseram a dar vida ao roteiro, que é considerado o coração do trabalho, para a formatação do produto contamos com a participação de designer gráficos que deram forma às páginas, assim como a criação dos elementos que compõem uma revista de história em quadrinhos. A criação da revista teve o objetivo de ser apresentada ao público da comunidade como recurso didático/pedagógico, tanto para uso da própria escola, quando para uso dos moradores no que tange ao informativo de desenvolvimento da comunidade, assim como tem o objetivo de ser apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo – PPGEDUCAMPO como produto do programa.

Nos momentos seguintes, nos propomos a realizar uma abordagem teórica/metodológica sobre temáticas consideradas importantes no desenvolvimento do presente trabalho. Para termos noção do surgimento e da disseminação das Histórias em Quadrinhos, tanto mundialmente quanto no Brasil, trago como referências autores que são considerados os precursores das mesmas, tais autores são: Álvaro de Moya (1986), Moacyr Cirne (1972), D'Assunção (2002), entre outros que são igualmente relevantes para a construção deste trabalho. Tais autores são importantes para entendermos a temática das histórias em quadrinhos, uma vez que iremos versar sobre a construção de um produto no qual a construção tem fundamental importância para a educação da “Comunidade Brejo da Conceição”.

Autores como Molina e Sá (2012), Arroyo (2012), Santos (2002), Caldart (2012), Pollak (1996), entre outros, foram de fundamental importância para termos o entendimento de assuntos acerca da educação do campo, escolas do campo, território e memória. Estas temáticas nos ajudam a ter uma visão da importância da educação do campo para a construção da presente pesquisa. No que diz respeito ao uso e aplicação no meio educacional, tivemos como base teórico-metodológica autores que dialogam e defendem o uso das HQs no ensino, tais autores são: Melo, Borges e Nascimento (2009), Palhares (2008), Tavares (2011), entre outros. O uso das HQs pode nos auxiliar na compreensão de assuntos que muitas vezes ficam restritos apenas ao olhar crítico do professor/mediador, uma vez que trazem uma visão dialógica de questões inerentes à construção educacional, tanto de temas transversais quanto de temas educacionais discutidos pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Para darmos início ao tópico seguinte, iremos nos debruçar sobre temáticas consideradas importantes para a construção do produto educacional, que irão tratar de temas

como solidariedade, ajuda mútua e reciprocidade, como formas de mutirões e resistência camponesa dentro da comunidade, uma vez que estes temas são considerados pilares de construção social.

2. SOLIDARIEDADE E AJUDA MÚTUA BASEADAS NO PRINCÍPIO DA DÁDIVA (DAR, RECEBER E RETRIBUIR), NA COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO

2.1. Discutindo o Conceito: Solidariedade, Reciprocidade e Ajuda Mútuas como forma de mutirões

Haesbaert (1997, p. 20), nos diz que “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo inseri-los num determinado contexto geográfico, territorial”. O território assume a função social de *construção*, em essência, a vida do camponês gira em torno do território. Por esta visão, achamos pertinente realizar uma discussão conceitual sobre esta temática tão importante.

Para darmos início, recorremos a Fernandes (2009, p. 02), quando o próprio escreve que o território “é uma categoria de análise da geografia”. Santos (2002) comenta que:

[...] O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência. A Geografia passa a ser aquela disciplina mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar (Santos, 2002, p. 09).

Como podemos ver, Santos (2002) nos mostra que a vida gira em torno do território, sendo assim todas as relações sociais se constroem mediante a sua formação. Bonnemaïson (2000) entende que o território é construído por “pontos e marcas”, em que a vida se organiza no entorno do solo, pois as relações sociais são construídas mediante as marcas sociais. De maneira nenhuma, podemos fazer uma dissociação entre território e espaço, enquanto o primeiro é essencial para demarcar o território, e o último é fundamental para a construção da cultura e identidade dos povos camponeses. Medeiros (2008) identifica o território não como sendo apenas uma “fronteira”, e sim inicialmente como sendo um lugar de construção, onde as identidades e os processos se concretizam. Haesbaert (1997) comenta que:

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (Haesbaert, 1997, p. 41).

Nesse sentido, devemos ultrapassar o estado de dominação territorial e política que o território assume em sua totalidade, características puramente culturais, e é neste território que a educação do campo constrói e molda as suas relações com os diversos sujeitos que o habitam. Os povos camponeses criam as suas relações em consonância com o território que pode ser ocupado ou herdado, muitas vezes esta ocupação se dá mediante os movimentos que defendem em suas pautas o acesso a terra. Em todo o território nacional, a concentração de terras está nas mãos de um grupo seleto de pessoas que detêm o poder político. Em sua maioria, os camponeses tendem a se sujeitar às condições precárias de acesso a terra, que sempre acaba em derramamento de sangue dos pequenos produtores, em nome de um desenvolvimento desigual.

Diante da injustiça da apropriação de suas terras por latifundiários, as comunidades camponesas construíram uma intrincada rede de resistência, mobilizando-se por meio de diversas estratégias. As comunidades em seu seio, mediante a formação de mutirões, procuram, nesta forma de organização, resistir às mudanças que são impostas pelo sistema capitalista. Medeiros (2008), ao identificar o território como sendo um lugar de “construção”, nos permite trazer à luz dos discursos conceitos importantes para entendermos toda a construção das comunidades camponesas. Para tal, recorreremos ao conceito de “Comunidade”, em que os autores Charrone e Barbosa (2022) destacam que:

O ambiente socioeconômico camponês, ou seja, a “comunidade”, é caracterizada por Wirth (1973) como um território em que há distribuição de homens e mulheres. Ou seja, é composta por um conjunto de instalações de instituições, de modo que os moradores levem uma vida baseada no parentesco e na troca de serviços. Por conseguinte, sua vida econômica é baseada em mútuo interesse correlativo. Desta forma, podemos ver que a caracterização de Wirth *gira em torno de ações, de cunho cultural, religioso, privado, coletivo, econômico e político em seu território* (Charrone; Barbosa, 2022, p. 232, grifos nossos).

Como podemos perceber, as famílias não vivem em isolamento, pois dentro das comunidades existem várias relações que são de fundamental importância para a construção da vida e da formação da identidade dos povos que a compõem. Para Cândido (2001), os mutirões são compreendidos como “uma relação de vizinhos”, em que um ajuda o outro na realização de tarefas. Já para Abramovay (1981), os mutirões assumem a forma de transação mútua, que correspondem a uma “ação solidária”, destinada a um vizinho, amigo ou parente. Sabourin (2009a), por seu turno, nos diz que os mutirões adotam a forma de “mão dupla”, em que há uma troca de serviços, ou seja, ajuda em pequenos intervalos de tempo, de modo que ambos os lados possam se desenvolver de forma igualitária.

Charrone e Barbosa (2022, p. 233) compreendem que

o mutirão é compreendido como a troca recíproca de serviços e necessidades apresentadas dentro de uma dada comunidade, de forma que, a maioria dos moradores se reúnam para solucionar alguma demanda, que isoladamente não poderia, por conta própria, realizar em sua propriedade ou comunidade.

Desse modo, podemos perceber que os mutirões assumem o papel de estreitamento das relações comunitárias, uma vez que através dos mutirões podemos ver a união de várias pessoas em provimento de um bem maior, ou seja, para a realização de serviços que não podem ser feitos por apenas uma pessoa. Citando Schmitz, Mota e Sousa (2017, p. 213), percebemos que:

O mutirão em espaços comuns *reforça laços sociais de amizade*. Mais do que isso, gera prestígio para quem se envolve mais assumem com vigor as tarefas. Se, por um lado, as relações tecidas no grupo funcionam como um distintivo e a qualificação para ocupar cargo em uma das diferentes organizações, por outro, gera confiança e um sentimento de *reciprocidade* que extrapolam o próprio grupo (Schmitz; Mota; Sousa, 2017, p. 213, grifos nossos).

Para os autores citados, os “laços de amizades” que são reforçados mediante a prática dos mutirões são, em sua essência, o alicerce da vida nas comunidades, gerando confiança e reciprocidade entre os moradores. Na visão de Mauss (2013), os mutirões podem ser entendidos como uma forma de “reciprocidade” em que podemos ter a compreensão de como as comunidades se organizam mediante o capitalismo. Cattani (2011), por sua vez, nos diz que a ação coletiva é desenvolvida nas ações que são desempenhadas pelo grupo ou coletivo. Já Willian (1988) nos mostra que esta ação coletiva pode ser vista quando duas pessoas de um determinado grupo se unem para desenvolver ações (trabalhos) que beneficiem ambos.

Os autores Cattani (2011) e William (1988), ambos concordam que a ação coletiva é o desenvolvimento de atividades que podem beneficiar os que praticam, assim como todo o coletivo ou grupo, no qual estão inseridos. Ellis (1983, p. 11) aponta que nas sociedades camponesas “pode ter transações não mercantis, ou recíprocas entre grupos domésticos camponeses”. Tais transações podem envolver “bens e serviços diferentes”, um exemplo claro apontado pela autora é “você ajuda a construir a minha casa e eu me comprometo a contribuir com um saco de mandioca para a escola da sua aldeia” (Ellis, 1983, p. 11).

Charrone e Barbosa (2022) nos mostram que “no meio camponês, as relações e os laços que são estabelecidos podem durar por décadas. E mais, elas podem ser observadas nos dias de hoje como uma forma de compadrio, caracterizada por exemplo na entrega dos filhos para outra família vizinha batizarem” (p. 235). Tais laços são o que há de mais puro no meio camponês, pois a entrega de seus filhos para outra pessoa ser o padrinho é considerada como uma honraria do mais alto nível, a sua recusa pode causar uma enorme desavença entre as duas famílias.

Em graus variados, a reciprocidade ou ajuda mútua, de acordo com Woortmann (1990), pode ser vista no papel do “ajuri”, pois este termo significa “a troca dos dias de serviço”, tal definição, segundo o autor, pode ser observada em um sítio no Ceará, em que os moradores têm um laço parental de modo que uns ajudam os outros. Para Magalhães Lima (1986), o papel do ajuri pode ser entendido como:

O trabalho do ajuri é “mais relaxado” como dizem, pois não há a obrigatoriedade rígida da reciprocidade. Além disso, quando o dono da roça não está em condições de oferecer o almoço tradicional do ajuri, os participantes levam sua própria comida. Morador algum já pagou por trabalho feito em sua roça. Só há troca de dias ou pedido de ajuda (Magalhães Lima, 1986, p. 26).

Quando o autor acima trata do trabalho do “ajuri”, no que diz respeito a ser “mais relaxado”, isto nos mostra que o trabalho não é forçado de modo a respeitar as relações estabelecidas entre quem pede “ajuda” e quem “oferece a ajuda”. O ajuri, quando a família não tem o que oferecer no “tradicional almoço do ajuri”, este se responsabiliza pela sua própria alimentação. Charrone e Barbosa (2022, p. 235) nos dizem que “podemos observar a sobrevivência das relações pré-capitalistas estabelecidas, como no caso acima, pelo vínculo de mutualidades entre os integrantes do meio social. Ou seja, manifestadas através da reciprocidade e coletividade que existe nas comunidades camponesas”.

Como foi apontado no início desta seção, sobre os conceitos de território empregados neste estudo, temos que realizar um discurso sobre a “propriedade familiar” da terra, que aqui não assume um caráter puramente capitalista, mas um caráter de sobrevivência. Para darmos início aos debates sobre a “propriedade familiar”, recorreremos a Oliveira (2007):

a *propriedade da terra* - é, na unidade camponesa, *propriedade familiar*, privada para muitos, porém diversa da propriedade privada capitalista (a que serve para explorar o trabalho alheio); na propriedade familiar se está diante da propriedade direta de instrumentos de trabalho que pertencem ao próprio trabalhador, é *terra de trabalho*, é propriedade do trabalhador, não é, portanto, instrumento de exploração; nesse particular, três situações podem-se colocar para o camponês: ele ser *camponês-proprietário*, ser *camponês-rendeiro* (pagar renda para poder ter acesso à terra), ou ser *camponês-posseiro* (recusar-se a pagar a renda e apossar-se da terra) (Oliveira, 2007, p. 41).

Diante do que foi colocado pelo autor acima, a propriedade da terra não é simples mercadoria, e sim um recurso que garante a “subsistência da família” camponesa. Para Wood (2000), em seu ensaio *As origens agrárias do capitalismo*, as relações capitalistas estão diretamente relacionadas a quem detém o poder da terra nas mãos, gerando uma dependência de quem as possui. Desta forma, os pequenos produtores são impedidos de realizar um aumento de suas propriedades, tendo que em sua maioria pagar renda para os grandes latifundiários.

Wanderley (2014), em seu ensaio *O campesinato brasileiro: uma história de resistência*, nos mostra que uma forma de acesso a terra por parte dos camponeses é a instalação da família dentro da propriedade, desempenhando o papel de arrendatário, se sujeitando às condições de moradia e trabalho ofertadas pela família que lhes cede o pequeno território. A apropriação da pequena porção de terra se dá mediante o pagamento de renda do agricultor familiar, assim como a prestação de serviços dentro da propriedade dos latifundiários. Wanderley (2014, p. 28) aponta que “as grandes propriedades expulsaram massivamente os trabalhadores residentes em seu interior, passando a contratá-los apenas nos momentos de necessidade de trabalho”. Esta expulsão acontece mediante a apropriação das pequenas propriedades por meio da grilagem de terras ou até mesmo mediante recorrência de violência.

Marx (1992), ao realizar as suas análises entre “capitalismo e natureza”, nos mostra que com o avanço do capitalismo, há um “esgotamento do solo” e uma sobrecarga dos “povos camponeses”. A título de citação, Marx, em uma passagem de *O capital*, nos diz que:

Com a preponderância cada vez maior da população urbana que se amontoa nos grandes centros, a produção capitalista, de um lado, concentra a força motriz histórica da sociedade, e, do outro, perturba o intercâmbio material entre o homem e a terra, isto é, a volta dos elementos do solo consumidos pelo ser humano sob a forma de alimentos e de vestuário, violando assim a eterna condição natural da fertilidade permanente do solo. Com isso, destrói a saúde física do trabalhador urbano e a vida mental do trabalhador do campo (Marx, 1996, p. 113).

Charrone e Barbosa (2002, p. 236) comentam que “Com o avanço do capitalismo e dos grandes centros urbanos, a população camponesa acaba por sofrer com a crescente demanda de produção, uma vez que, os latifundiários, principalmente os associados ao agronegócio, aumentam o ritmo de trabalho e a apropriação de terras (comunais)”. Os autores Wood (2000), Wanderley (2014) e Oliveira (2007) concordam que as relações que os camponeses estabelecem com a terra depende em grande medida de/com as quem as detém, podendo os mesmos ficarem sujeitos às vontades alheias de um senhoril. Neste contexto, uma forma de combater tal realidade é o trabalho baseado nos “Mutirões, Solidariedade, Reciprocidade e Ajuda Mútua e Ação Coletiva” que existem dentro das comunidades camponesas (Charrone; Barbosa, 2022, p. 237).

As formas de trabalhos baseadas nos “mutirões” apresentadas aqui encontram-se todas no passado, uma vez que tais formas caíram em decadência dentro das comunidades. Para realizarmos um breve levantamento sobre as formas de mutirões presentes na comunidade Brejo da Conceição, recorreremos ao uso da memória coletiva que existe dentro das comunidades camponesas. Partindo deste ponto, iremos aqui trazer à luz as memórias sociais dos camponeses

da comunidade Brejo da Conceição, uma vez que entendemos que tais memórias são consideradas como resistência, pois estão caindo no “esquecimento”, sendo contadas por terceiros.

Nesse sentido, as histórias em quadrinhos surgem como uma ferramenta de preservação das memórias dos povos camponeses, uma vez que as mesmas, como foi dito anteriormente, estão caindo no “esquecimento”. As HQ’S são ótimos recursos visuais que possibilitam uma maior articulação entre os diversos públicos, trazendo informações e debatendo temas considerados importantes para a sociedade na totalidade. No meio camponês, as suas produções a partir das narrativas camponesas podem auxiliar na preservação das histórias, contos e lendas, entre outras histórias que estão se perdendo com o passar do tempo.

Ao tratarmos das HQ’S, como recurso de preservação das memórias, estamos aqui não apenas garantindo a preservação identitária dos povos camponeses, estamos resistindo ao tempo e às mazelas sociais que nos empurram contra a parede do esquecimento. As futuras gerações, através dos desenhos e textos contidos nas histórias em quadrinhos, podem ter acesso de forma vitalícia às memórias e narrativas de seus próprios antepassados, algo que há 70 anos era considerado impossível. Para além da construção da revista quadrinizadas, temos que dialogar sobre a importância da memória nesta construção, uma vez que os povos tendem a “lembrar dos acontecimentos” e transmitir através das suas narrativas para outras pessoas.

2.2. Uso da Memória Coletiva na Construção dos Diálogos com as Comunidades Camponesas

Partindo do pressuposto de que os indivíduos tendem a vivenciar e lembrar de acontecimentos, proponho fazer uma discussão conceitual sobre este tema tão importante. Para darmos início, recorremos a Nora (1984), quando este escreve:

A memória é a vida, sempre carregados por grupos vivos e, neste sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (Nora, 1984, p. 09).

A memória é um fator fundamental na concepção histórica e identitária das sociedades, pois a existência humana gira em torno do ato de “lembrar e vivenciar” os fatos de suma importância social. Barros (2011, p. 322) diz que a “memória individual requer como instrumentos palavras e ideias, e ambas são produzidas no âmbito social”. Diante do que foi escrito por Nora (1984) e Barros (2011), podemos entender que a memória é formadora da

história, pois todos os acontecimentos são lembrados de forma coletiva, é no coletivo que elas se formam, dando origem à memória.

Ainda de acordo com Barros (2011), os lugares guardam as memórias coletivas, que contribuem para a sua formação, como, por exemplo, “as igrejas, estátuas, monumentos etc.”, que são formadores da memória coletiva. Le Goff (1990) aponta que:

[Há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas, e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações (Le Goff, 1990, p. 473).

Como podemos ver, o autor citado nos mostra que os lugares, mesmos distintos, são grandes originadores da memória coletiva, em que os grupos sociais tendem a lembrar de acontecimentos considerados importantes. Pollak (1992) comenta que os lugares estão conectados a episódios da infância, ou seja, a experiências que os indivíduos passaram enquanto crianças. Ainda conforme o autor já citado acima, “um lugar de férias na infância que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independente da data real em que a vivência se deu” (p. 03).

Embora a história seja diferente do estudo da memória, esta última é fundamental para criar e compreender fatos e eventualidades, especialmente para aqueles que estão negligenciados pela “narrativa” dos ganhadores. Nessa acepção, os estudos sobre a memória procuram relacionar acontecimentos que foram / são vivenciados por grupos, frequentemente silenciadas nas narrativas hegemônicas, na nossa ocorrência, os camponeses, mas que muitas vezes não surgem como protagonistas nas narrativas oficiais e hegemônicas da “História”.

Nesse contexto, seguindo as notas de Pollak (1992), podemos perceber o surgimento de um tipo de memória considerada “memória subterrânea”, ou seja, representações restritas a um determinado grupo, geralmente por pessoas filiadas à composição do grupo dominante. Muitas vezes, essa memória é “silenciada” pelo grupo hegemônico, submersa apenas nos momentos em que a memória dominante está em crise, apoiada na contestação de se tornar (ou não se tornar) o representante dominante. Lembramos que a construção do passado, seja através da memória ou da história oficial, é um campo constante de contestação narrativa, pois quem controla a visão do passado tem uma enorme oportunidade de se tornar hegemônico no presente.

Não podemos esquecer que, tal como a História, a “memória” é um lugar contestado e permanentemente reconstruído. Ou seja, o que é pior que a limitação da memória ao grupo que a compõe é o processo pelo qual as memórias dominantes são “realizadas” através da supressão ou produção de memórias através dos vários canais da superestrutura (igrejas, escolas, meios

de comunicação etc.). As pessoas esquecem a memória dos grupos dominados, como os agricultores. Isto explica, pelo menos em parte, a destruição das tradições camponesas estabelecidas ao longo das gerações e a transmissão destas tradições às gerações futuras.

Para Ansart (2004), uma das implicações do esquecimento é o “ressentimento”, aqui entendido como fruto de um grupo dominante mantido por uma classe dominante. No entanto, segundo este autor, seguindo as notas de Nietzsche, o ressentimento seria “o resultado longínquo de um conflito, de uma ação conduzida, no início da nossa era” (Ansart, 2004, p. 16). Assim, podemos ver que o ressentimento está associado ao conflito entre diferentes classes, onde uma classe tem poder econômico e a outra classe tem força de trabalho. Segundo o mesmo autor, muitas pessoas acabam calando-se diante das expressões opressivas da classe dominante porque não têm conhecimento de como enfrentar estas opressões.

Pollak (1992) retrata esse “ressentimento” na forma do “mal do passado” em sua maioria, não são lembrados ou mesmo “esquecidos” pela classe camponesa por se configurarem como eventos difusos de emoções negativas. Nesse sentido, muitas pessoas tentam estrategicamente embalar-se no “esquecimento”, recorrendo ao silêncio e distanciando-se de tudo que as lembre de si mesmas. Em alguns casos, eles podem se tornar hostis devido a dúvidas ou lembranças de qualquer assunto do passado envolvendo um incidente específico.

Portanto, existe o risco de que certas memórias sejam esquecidas pela sociedade na totalidade, porque permanecem silenciosas; por extensão, fatos importantes para grupos subordinados podem não ser mais “ressuscitados” ou “lembrados”. Um fato observado entre alguns representantes pertencentes às sociedades camponesas é que estas sociedades foram marginalizadas ou “perderam importância” nos governos nacionais/regionais/municipais. Mediante os apontamentos feitos, Benjamin (2016) faz o seguinte questionamento:

[...] Onde é que se encontram ainda pessoas capazes de contar uma história como deve ser? Haverá ainda moribundos que digam palavras tão perduráveis, que passam como um anel de geração? Um provérbio hoje serve para alguma coisa? Quem é que ainda acha que pode lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 2016, p. 114).

Tais questionamentos feitos por Benjamin (2016) abrem reflexões significativas para o declínio do fio da história, pois neste novo modelo de sociedade, em que os jovens estão cada vez mais “desinteressados”, onde o individualismo rouba toda a cena, temos que pensar o lugar das narrativas no meio camponês. A narrativa alia-se à memória, que é fundamental para a compreensão da mesma. De acordo com Bosi (2012, p. 197): “[...] a memória atende ao chamado do presente”. Pois a memória, para encontrar a sua narrativa, se ancora em elementos do presente que, todavia, são bases para a construção das lembranças. As histórias são

constituídas no coletivo, pois como apontam Schmidt e Mahfoud (1993, p. 291), “[...] é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado desse trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas que são o conteúdo da memória coletiva”.

É nessa construção coletiva que as narrativas vão dando forma para as memórias na forma de pesquisa, uma vez que as gerações atuais não estão dando conta de perpetuar as memórias dos nossos ancestrais. Bosi (2012) nos diz:

[...] Bem mais que um documento unilinear, a narrativa da testemunha mostra a complexidade do real. Oferece uma via privilegiada para compreender a articulação dos movimentos da história com a cotidianidade. É muito belo escutar esse rememorar meditativo da testemunha. E nós então compreendemos que se pode fazer da memória um apoio sólido para a construção do presente [...] (Bosi, 2012, p. 197).

Bosi (2012), ao colocar em xeque o uso da memória e sua narrativa, nos mostra que a memória é um forte aliado na construção das narrativas dos povos camponeses, para enriquecer os debates que se estruturaram ao longo dos tempos sobre o uso da memória como fonte de pesquisa. Toni Morrison (2020), em seu livro *A fonte da autoestima*, traz uma narrativa sobre as memórias de povos excluídos da sociedade pela sua raça, cor, dando lugar a autobiografia de pessoas até então esquecidas pelo tempo.

2.3. Um Retorno ao Passado: Comunidade Brejo da Conceição, Uma História de Luta, Resistência e Superação

A nossa história inicia-se em uma região até então desconhecida por muitos, neste lugar se constroem relações que são o alicerce de toda a comunidade. Essa narrativa poderia ser tratado facilmente como uma história de ficção em que os seus personagens e protagonistas poderiam ter superpoderes, assim como os personagens da Marvel e DC e várias outras revistas que no ramo das produções cinematográficas produzem histórias ilustradas consideradas como um marco das HQS, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro.

A nossa produção trata aqui de um povo que resistiu às mudanças que foram acontecendo ao longo das décadas, com suas vivências baseadas no convívio mútuo no seio de uma comunidade isolada dos processos tecnológicos que surgiram ao redor do mundo. Os seus personagens são mais que reais, são pessoas que de alguma forma deram uma vida para construir, moldar e dar sentido às pequenas coisas. As nossas narrativas se iniciam na década de 1940, tal afirmação se consolida quando o senhor Adezildo (2023), diz que “eu estou na

comunidade desde o meu nascimento, havia várias pessoas morando lá, inclusive os meus pais e meus avós”. Vale ressaltar que este morador atualmente tem mais de 75 anos.

Na sua preexistência adotava-se o nome de “Comunidade Conceição”, adota-se atualmente o nome de “Brejo da Conceição”, o mesmo nome foi atribuído devido a região ser localizada ao lado de “Brejos”, uma espécie de rio em que há uma grande variedade de plantas aquáticas, assim como a planta conhecida como Pé de Buriti (*Mauritia Flexuosa*). Em relação ao nome, houve a junção de Brejo e Conceição, a título de explicação, esta junção teve como principal influências os rios e o nome da comunidade em seu surgimento, formando assim “Brejo da Conceição”. Os moradores da pacata Comunidade Conceição relatam que antes tudo era tranquilo, pois todos os moradores viviam em harmonia uns com os outros, de modo que as suas relações de compadrio e mutualismo eram bem-vistas e praticadas por todos.

Vale ressaltar que o território Curralense pertencia à Cidade de Bom Jesus–PI, na região havia forte presença da igreja católica, segundo os relatos dos moradores, na região chegou um clérigo que se denominava “Padre Pedro”, o mesmo, em nome da “Santa Inquisição”, tomou as terras da região. Deste modo, inicia-se a posse de terras por parte dos chamados forasteiros, que, em nome de um poder maior, compram e vendem propriedades que alegavam ser suas, deixando assim os pequenos produtores sem alento. O padre, em sua totalidade, acaba por se configurar o primeiro dono das terras, em nome de uma falsa santidade.

Após a instauração do clérigo na região de Conceição, as terras foram ganhando novos donos com o passar do tempo, o padre acaba por vender as mesmas para um senhor chamado de José Castro e ao senhor Carra, o último não se sabe ao certo o seu nome. São considerados o segundo e terceiro donos da fazenda, dando assim início ao processo de modernização da mesma, nomeando o lugar para “Fazenda Franca Brasileira”. Anos mais tarde, a fazenda foi vendida para um senhor chamado de Aluizio Moreira de Angelim, um homem considerado influente no meio político, implementando projetos que visavam ao desenvolvimento da fazenda. O mesmo, assim como os donos anteriores, continuou com a política de arrendamento das suas terras, em que os moradores pagavam renda para o dono para poderem produzir o seu próprio sustento. Para entendermos a definição de renda, recorreremos a Chayanov (1966), quando diz que:

De acordo com a definição acadêmica usual, renda é a parte em que o empresário paga ao proprietário de terras, pelo uso da mesma. Portanto, temos diante de nós um fenômeno real, econômico e social, que surge sobre a base da produção agrícola e é controlada por estas relações. As únicas realidades econômicas gerais no sistema de exploração familiar são: 1) o montante bruto da exploração; 2) somas extraídas deste montante para investir em renovação de capital; 3) o orçamento pessoal da família e

4) as poupanças não investidas na própria exploração (Chayanov, 1966, p. 227-228).

As terras, ao serem arrendadas, geram a sua dominação entre quem as tem e quem precisa delas para poder sobreviver e reproduzir a existência de sua família. O morador Carvalho (2023), em sua narrativa, comenta que:

Cada família recebia cerca de 20 hectares de terras para poderem plantar, cada família tinha que pagar renda, se uma família produzisse 05 braças tinha que pagar uma, isso seria tipo... um saco de cada alimento, se fosse feijão tinha de pagar um saco, correspondiam a uns 10% de tudo que fosse produzido. Eu me lembro que na época tínhamos ainda que fazer serviços para o dono das terras quando ele precisava (Carvalho, 2023).

Podemos perceber na fala do senhor Carvalho (2023), que os moradores da Fazenda Franca Brasileira eram totalmente dependentes das vontades do dono da fazenda, se submetendo a realizar serviços diversos, deixando assim as suas próprias terras muitas vezes sem cuidados. O senhor Aluísio, por ter muitas influências no meio político, implementou na região a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), esta organização tinha como objetivo realizar desenvolvimentos na região nordeste do país. O senhor Francisco (2023), durante as suas narrativas, comenta que “o senhor Aluísio tinha comentado com alguns amigos meus que traria para a fazenda muitos gados”. O senhor Gonsalves (2023) continua esta narrativa quando diz que “era uma tal de... sudeme... sudeve... lembrei! SUDENE”. (durante a conversa pude ter a percepção que o mesmo demorou um pouco para se recordar deste nome). Maria (2023), completa este ponto da conversa dizendo que, depois de um tempo, o senhor Aluísio realizou uma viagem a Brasília, em suas palavras: “o senhor Aluísio tinha muita influência no meio político, me lembro que ele foi a Brasília, buscar dinheiro”. Quando ela foi questionada sobre o porquê desta viagem repentina, a mesma diz: “meu fii... o senhor nego disse para meu marido na época que ele inha criar boi aqui”.

Maria (2023), ao se referir ao seu marido dessa forma, deixa claro que não é racismo, e sim um apelido de infância. Pois, para muitos, atualmente ela estaria sendo racista, quando, na verdade, os familiares e pessoas próximas o conheciam assim. Nas palavras destes moradores, podemos ver com clareza que o senhor Aluísio tinha um poder político e boas posses, uma vez que, através da SUDENE, implantou uma grande criação de gado na região. Ao longo de várias narrativas, um dos moradores comenta que ele era cearense, deixando assim em evidência as suas origens. Ao serem questionados se na região haveria apenas esse cearense, a senhora Lurdes (2023) diz: “sou cearense, vim para cá em uma caravana trazida pelo senhor Aluísio, um homem bondoso que prometeu empregos para todos”. O senhor Chico (2023) acrescenta

em sua narrativa: “chegamos aqui e realmente tinha muito emprego, o povo da região acolheu todos”.

Os moradores da fazenda eram bem receptivos e ainda são atualmente, com pessoas advindas de outras regiões, quando os moradores foram questionados como faziam para se manter, relataram que dentro da fazenda havia uma espécie de comércio, em que encontravam alimentos e ferramentas para o cultivo. Pude ter a percepção de que os moradores eram bastante dependentes das imediações da fazenda, muitos ficavam devendo para o dono, por não poderem saldar as suas dívidas. Quanto ao porquê de os moradores não conseguirem pagar, eles relataram que o valor que ganhavam era pouco, não chegava a nem um salário digno para cada família.

Entraremos agora em um ponto considerado por muitos como tenebroso na história da comunidade. Após anos nas terras do senhor Aluízio, a fazenda foi vendida para um senhor chamado de “Chuxa” (todos da região o conheciam por este nome, os moradores não sabem o seu verdadeiro nome). O mesmo, por ser uma pessoa dita por muitos como arrogante, ao chegar às terras e se inteirar da forma como o antigo dono gerenciava as suas terras, decide por não seguir a forma de arrendamento das terras. O senhor Salvador (2023) comenta em suas narrativas que “fomos expulsos de casa, como um animal”. Aqui, nesse trecho, ele deixa claro que a expropriação das terras estava ganhando mais forças, pois o atual dono estava pedindo a saída dos moradores. A senhora Ana (2023) completa dizendo que “não tivemos direito a nada, tínhamos que sair com uma mão na frente e outra atrás”. Os mesmos foram questionados sobre o ressarcimento de suas moradias, ou seja, se houve algum pagamento em relação às moradias que ficaram para trás, Ana (2023) nos relata que “não tivemos, apenas era para pegar as nossas coisas e sair o mais rápido que pudemos”.

Não sendo bastante os moradores terem que perder as suas terras pela expropriação advinda de pessoas que deveriam ser justas perante as leis divinas, ainda passaram por tal humilhação de perderem as suas moradias. Quando foram perguntados sobre qual medida tomaram, o senhor Lucas (2023) responde: “o povo não queria sair não, nós resistimos”. Nesse momento podemos notar a determinação do povo em permanecer em suas moradias. O senhor Manuel (2023) relata que “o senhor Chuxa, aquele cabra ruim da peste, como era mais sabido, colocou todos nós na justiça querendo tirar-nos das terras que eram nossas”. A senhora Alice (2023) completa dizendo que “tinha muita gente, crianças, vei, animal, e muita coisa, todos sem saber o que fazer”. Perguntei aos participantes quantas famílias havia na região. A senhora Benedita (2023) me respondeu com um tom de tristeza ao lembrar do acontecido, ela relatou que “meu filho, tinha muita gente como a comadre Alice tinha dito, nós era para mais de 80 famílias”.

Benedita era uma das mais velhas do grupo de pesquisa, tive a percepção de que todos os mais velhos se emocionam ao lembrarem esse momento de pura tristeza, aqui fica claro um dos apontamentos de Pollak (1996) sobre memória subterrânea, pois muitos preferem enterrar as memórias para não vivenciarem as dores mais profundas. Após meses de lutas na justiça, ficou decidido, segundo o relato do senhor Moisés (2023) em sua narrativa, que “a justiça tinha falado que cada um de nós era para receber 20 hectares de terras para que todos tivessem um lugarzinho para morar e plantar”. Durante os relatos, fiz o seguinte questionamento: por que todos vieram para este lugar? Não havia terras mais próximas? O senhor Carlos (2023) nos conta que “aqui tinha pessoas morando, cerca de 05 famílias”. O senhor Manuel (2023) complementa dizendo que “a gente tinha muitos conhecidos na região, e como aqui também fazia parte da fazenda, muitos vieram para cá”.

Nesse sentido, muitas outras seguiram o mesmo processo de seguir para onde tinham conhecidos, vale ressaltar que muitos outros preferiram ir para lugares em que tinham contato com parentes. Dentre os moradores que vieram de outras regiões, muitos se dispersaram para lugares próximos e outros permaneceram aqui na comunidade, ao longo dos anos a vida dos moradores foi se estruturando, e a atual comunidade conta com escola bem estruturada, pontos turísticos, pontos de lazer, entre outras coisas necessárias para a manutenção da vida dos moradores.

Partindo das colocações feitas, temos que realizar uma discussão sobre todo o contexto de surgimento das “histórias em quadrinhos”, uma vez que para a construção do produto educacional com o qual este relatório se propõe a dialogar, temos que nos apropriar desta temática inovadora. No tópico a seguir, me debruço sobre o contexto de surgimento, formas e diálogos que compõem as revistas em quadrinhos.

3. SURGIMENTO DAS HQ'S NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL

3.1. Quadrinhos como Gênero Literário e o Uso no Ensino

Para o presente estudo, temos que trazer a compreensão das Histórias em Quadrinhos não como meras histórias ilustradas, tendo a finalidade de divertir os leitores. Por serem um

gênero estrangeiro, no cenário atual as histórias em quadrinhos não são consideradas como gênero textual, porém neste trabalho as consideramos como gênero textual, que pode e deve ser trabalhado em sala de aula pelos educadores/educadoras, tanto do ensino fundamental quanto do ensino médio.

O método de ensino tradicional, por mais que seja o mais utilizado no meio educacional, no qual o professor é o agente transmissor e o aluno se torna o agente passivo da transmissão, está se tornando ultrapassado. Com o avanço do sistema educacional e as novas demandas de ensino, em que os jovens demandam voltar a sua atenção para a sala de aula de forma lúdica e divertida, interativa e dinâmica, o professor tende a buscar novos métodos e estratégias de ensino. Os autores Vasconcelos, Feitosa e Oliveira (2021) tratam do trabalho dos professores, nas suas palavras: “É importante ressaltar que o trabalho do professor neste componente curricular engloba a seleção de conteúdos e sua distribuição nas diferentes séries, obviamente seguindo recomendações e diretrizes específicas” (Vasconcelos; Feitosa; Oliveira, 2021, p. 52).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1999) apontam para o ensino das línguas como competência abrangente, em que uma língua é considerada o veículo de comunicação de um povo, em suas diversas formas. As línguas, enquanto ferramentas de comunicação, moldam e refletem as culturas, carregando em si as histórias, costumes e conhecimentos de um povo. Como destacado pelos PCNs (1998, p. 93), “[...] o agrupamento das linguagens *busca estabelecer correspondência não apenas entre as formas de comunicação* – das quais as artes, as atividades físicas e a informática fazem parte inseparável [...]”.

Como colocado acima, o ensino das linguagens não visa apenas estabelecer uma similaridade entre as diferentes linguagens, e sim busca o ensino das línguas com um todo, evidenciando as suas diferentes formas. Como foi destacado por Antunes (2002), o ensino das línguas é “heterogêneo”, estabelecendo uma espécie de pluralidade entre os diferentes povos. Os PCNs (1998, p. 93) destacam ainda “[...] a importância de todas as linguagens enquanto constituintes dos conhecimentos e das identidades dos alunos, de modo a contemplar as possibilidades artísticas, lúdicas e motoras de conhecer o mundo”.

Conforme visto anteriormente, as línguas, principalmente no que diz respeito às competências artísticas, devem ser ensinadas não apenas como complemento pedagógico, e sim como construtores de ampliação do conhecimento dos alunos, evidenciando as suas compreensões do mundo de que fazem parte. Marcuschi (2003), assinala que **os gêneros textuais** se apresentam de formas variadas, em que não obedecem a uma característica distinta, que esteja vinculada a aspectos formais, de modo a expressar as “sequências linguísticas e tipos textuais”.

No contexto das formas textuais, em que temos todo um enredo de características textuais, as histórias em quadrinhos, na visão de Palhares (2008), introduzem uma nova “narrativa”, no cenário educacional, com a mistura do não-verbal com o verbal, confere aos discentes um caráter criativo e comunicativo. “A imagem nos quadrinhos assume **o papel de linguagem**, pode ser interpretada e adquirir sentido dentro do contexto social em que se encontra inserido” (Palhares, 2008, p. 09). Esta linguagem pode ser de grande valia para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, uma vez que as imagens podem estimular a imaginação e a criatividade.

As interpretações das Histórias em Quadrinhos assumem uma relação com a cultura, a história e a formação social, pois a partir das interpretações do “verbal e não-verbal”, no contexto das HQs, os indivíduos terão uma compreensão social mais elevada. Palhares (2008) aponta para cinco características das histórias em quadrinhos: a) mensagem linguística, que tem um aspecto narrativo, onde o criador pode descrever uma situação ou problema do dia a dia; b) códigos, que podem apresentar símbolos voltados para o visual, de modo a ampliar a estética e informações dentro das histórias; c) ruídos nos quadrinhos, em que os desenhistas expressam de forma visual os sons que o público deve imaginar; d) os códigos icônicos ou visuais compõem a mensagem visual, pois a mesma, junto ao texto, pode transmitir uma mensagem de cunho hilário (cômico) ou uma mensagem que retrata um contexto mais sério; e) o cenário é uma peça chave na produção, pois, aliado à imagem, pode transmitir uma maior seriedade ao leitor, pois cada contexto requer um cenário específico.

Ao tratarmos de códigos, recorreremos aos parâmetros curriculares nacionais, que em seu texto distingue “a utilização dos códigos que dão suporte às linguagens não visa apenas ao domínio técnico, mas principalmente à competência de desempenho, ao saber usar as linguagens em diferentes situações ou contextos, considerando inclusive os interlocutores ou públicos” (PCN, 1998, p. 93). Os diferentes códigos utilizados nas HQs podem ser destinados a públicos diversos, para terem compreensões e interpretações distintas, pois mesmo que o seu criador tente demonstrar um sentido/opinião, o seu leitor pode ter outra interpretação do que foi exposto.

3.2. Desenvolvimento dos Quadrinhos no Cenário Nacional e Internacional

Os quadrinhos surgiram, segundo o autor Moacy Cirne (2002), por volta do século XIX, não se sabe ao certo em qual país, pois, conforme o autor, “[...] para alguns, no Japão, por volta de 1814, para outros, na Suíça, por volta de 1827. O fato é que em meados do século que se viu

o nascimento da fotografia e do cinema, assim como a instauração da comuna de Paris e a do impressionismo na pintura [...]” (Cirne, 2002, p. 11). O autor deixa claro que para além do surgimento das HQs, houve outros fatores que possibilitaram a adesão no mercado. Para o autor já supracitado, no Brasil tivemos como precursor das HQs o autor Ângelo Agostini, com o seu trabalho *As aventuras de Nhô-Quim* originalmente publicado pela editora Fluminense em 1869.

As Histórias em Quadrinhos, em seu surgimento, não tiveram a denominação atual. Em muitos outros países, como no Japão e na Suíça, tiveram a designação de “histórias ilustradas, literatura em estampas, romances ilustrados etc.”. Não tivemos um surgimento amistoso no Brasil, pois diante das construções e reconstruções que as HQs estavam enfrentando, em nosso país, estas passaram por muitos preconceitos demasiados, o que em sua grande maioria levou à disseminação de ódio e aversão contra as HQs. Para simples ilustração destacamos um trecho do livro *Literatura em quadrinhos no Brasil*, que diz, na visão de Cirne (2002):

[...] os discursos quadrinizantes foram acusados de provocar preguiça mental e de levar os jovens para o caminho da violência e (pasmem!) Do homossexualismo. Além disso, os *comics*, entendidos como tal, apenas serviram aos interesses ideológicos da sociedade norte-americanas [...] (Cirne, 2002, p. 13, *Grifos do autor*).

Em concordância com Cirne (2002), Álvaro de Moya (1986), em seu livro *Histórias das Histórias em Quadrinhos*, comenta que “[...] Houve uma campanha contra, atribuindo às historietas a criminalidade infanto-juvenil. Diziam que as crianças se desinteressavam dos estudos e da leitura. Chegou a haver um clima de perseguição e proibição. O Fahrenheit 451 dos gibis [...]” (Moya, 1986, p. 07). Para simples entendimento o “*Fahrenheit 451*” foi uma obra literária e cinematográfica que representa a queima de livros, pois segundo Bradbury (1953), nas palavras do escritor:

[...] Uma longa **coluna de chamas saltou e projetou os livros contra a parede**. Montag penetrou no quarto e atingiu as duas camas, que se empinaram com um ruído agudo, com uma paixão e uma violência que ele nunca teria sido capaz de lhes imaginar. - Os livros, Montag! **Os livros saltaram e dançaram como aves queimadas, as asas ardendo com penas vermelhas e amarelas** [...] (Bradbury, 1953, p. 109, *Grifos nossos*).

Como podemos perceber, a queima de livros e de *Gibis* foi bem recorrente em território brasileiro, pois como já foi apontado anteriormente, os quadrinhos foram por muito tempo considerados a cultura do atraso. Afinal, o que são histórias em quadrinhos? Para responder esta pergunta, recorreremos a Cirne (2002), em seu ensaio publicado no livro *Literatura em Quadrinhos no Brasil — Por que Ler os Quadrinhos?*:

Os quadrinhos, antes de mais nada, são uma arte sequencial, como diria o mestre Will Einstein. O que isso quer dizer, exatamente? **Quer dizer que são uma narrativa**

gráfico-visual, com suas particularidades próprias, a partir do agenciamento de, no mínimo, duas imagens desenhadas que se relacionam. Entre as imagens, um corte, que chamamos de corte gráfico — de certo modo, o lugar que marca o espaço do impulso narrativo. Esse corte tanto será espacial quanto temporal (aqui, gerando as elipses: um tempo a ser preenchido, muitas vezes, pela imaginação do leitor). A passagem entre uma imagem e outra revelará, se fluente, a marca de um bom narrador; se brusca, para não ser ríspida, ou dura, **será eficaz na medida das necessidades temáticas do roteiro e/ou do enredo propriamente dito** (Cirne, 2002, p. 14, *Grifos nossos*).

As Histórias em Quadrinhos não são apenas imagens feitas sem sentidos lógicos, como podemos perceber no primeiro destaque feito acima, os quadrinhos têm a função de narrar uma história, assim como criar histórias que mexem com o imaginário do leitor. As mesmas podem ser de grande utilização na educação, pois uma vez que a sua criação para fins pedagógicos pode auxiliar na conscientização ou até mesmo na construção de valores, que são ideologias próprias do meio camponês. Quando falo de ideologias, o que pretendo é retratar a “cultura, costumes, crenças etc.”, que atualmente estão sendo desprezados e deixados de lado. Como diria Michael Pollak (1996), muitos povos deixam as suas memórias e histórias perderem-se no esquecimento quando estranhos entram no seu espaço. Em relação ao silenciamento e ao esquecimento, trataremos mais adiante.

Para entendermos esse cenário de construção das Histórias em Quadrinhos, temos que realizar um levantamento cronológico de todo o contexto de surgimento das HQs e suas lutas pelo reconhecimento social. Tal levantamento terá como precursor o século XIX, que, para Cirne (2002), foi o século de impulsionamento dos Quadrinhos pelo mundo afora.

Diante do que foi apresentado, recorreremos ao livro de Álvaro de Moya, uma das grandes referências para a elaboração e construção desta cronologia, pois em seu livro *História das Histórias em Quadrinhos*, o autor trata de como foi o surgimento e suas narrativas sobre a construção das HQs, assim como nos mostra as principais obras literárias que deram subsídio para a sua formação. Moya (1986) reúne em seu conteúdo os principais criadores de cartuns de todos os tempos. O livro, aborda a participação deles no cenário Internacional, na luta pela permanência e aceitação das histórias em quadrinhos no mundo. Entre os anos de 1827 e 1897, houve o surgimento de grandes desenhistas que deram subsídio para a renovação e inovação das imagens quadrinizadas. O ilustrador *Roudolph Töffer* foi responsável pela criação de M. Vieus-Bois, professor pedagogo suíço, foi um dos grandes nomes das Histórias em Estampas, considerado pelo crítico Goethe Weiner de “romances caricaturados”.

Moya (1986) diz que Roudolph Töffer conseguiu realizar feitos que muitos em seu tempo não puderam realizar, pois os artistas Doumier e Gavarni, por serem grandes artistas, acabavam apenas copiando as ideias já ilustradas. *Wilhelm Busch*, outro artista à frente do seu tempo, publicou em 1865 a história em quadrinhos de **Max und Maritz** (Juca e Chico). O

presente artista estava aliado ao nível de excelência de Töffler e Colomb, grandes artistas de sua época. Álvaro de Moya (1986) comenta que:

A mais famosa criação de Busch, batizada por Bilac como *jucá e chico*, apareceu na Alemanha em 1865. Trata-se, é claro, de *max und moritz*, nos quais se basearam *katzenjammer kids* (os sobrinhos do capitão), historieta norte-americana criada por Rudolph Dirks, em 1897, e existente até hoje. Embora seja o maior sucesso de um artista de sucesso, Busch teve este trabalho recusado pelo seu editor, que já havia publicado *bilderpossen, der eispeterkatze und maus* (já na tradição gato-e-rato) e outros. o editor publicou a obra sem gostar dela e, por causa de sua moral, foi duramente criticada pelos pedagogos [...] (Moya, 1986, p. 17, Grifos do autor).

Busch é considerado o criador de histórias em pantomima (histórias representadas por gestos, expressões faciais e movimentos), uma das suas características marcantes eram os quadrinhos com textos. Não se utilizavam balões como muitos artistas de sua época, trazendo inovação e inspirando muitos artistas, mesmo depois de sua morte, em 1908. Em nosso país, Brasil, não foi diferente, como já foi dito anteriormente, um dos precursores das HQs foi Ângelo Agostini, italiano que se naturalizou brasileiro. Agostini teve como obras principais em 1867 *As cobranças* e em 1869 *As Aventuras de Nhô-Quim*, este artista foi responsável por dar origem à revista *O Tico-Tico* em 1905 (trataremos sobre esta questão mais adiante, no decorrer do texto).

Richard Fenton Outcault deu origem em 1895 à personagem com dois painéis lado a lado, no primeiro eram feitas imagens em preto e branco e no outro foram criadas imagens em cores. O mesmo autor foi responsável por criar e iniciar as primeiras histórias sequenciadas, dando assim origem a um personagem que utilizava um camisolão de cor azul. No ano de 1896, muitos começaram a chamar a obra de *The Yellow Kid* (O Menino Amarelo). O autor, em sua criação, retrata temas evidentes, como a pobreza e as condições sociais de sua época. Aos olhos da burguesia de seu tempo, muitos não aceitaram e começaram a fazer críticas ao estilo de vida do personagem, uma vez que estava fora dos padrões pré-estabelecidos pela burguesia.

Os críticos da época denominaram os veículos de comunicação como “imprensa amarela”, ou seja, sensacionalista, por trazer e realizar críticas vigentes em seu tempo. Os quadrinhos não são apenas meras criações de imagens ilustrativas, muitos tendem a retratar assuntos importantes para a construção social dos indivíduos. O século XIX, com toda a sua maestria e críticas sofridas, tem na sua finalização a criação de *Os Sobrinhos do Capitão*, do autor Rudolph Dirks em 1897, tendo como fonte de inspiração as obras de Busch. Com o sucesso de Dirks, as suas obras estão vivas até os dias atuais com o seu neto, que reproduziu e ampliou os peraltas, sendo que em seu surgimento eram apenas 02 personagens, ampliando-se para 04.

Para além da preocupação de retratar as condições atuais, as HQs, durante a sua construção no século XX, tiveram uma mudança radical em termos de estrutura e desenvolvimento das histórias propostas. O período de 1900 a 1959 teve o afloramento de vários artistas, que culminou em diversos personagens, como os mais famosos da atualidade “Tio Patinhas e Mickey Mouse” criações de Walt Disney, dono das indústrias Disney e parques temáticos, considerados pela atualidade como os maiores do mundo. Tivemos mudanças bruscas, como a criação de Chiquinho em 1907, por Richard F. Outcault, que tinha criado no século anterior “o menino amarelo”, que em sua criação tinha um comportamento invejável e se preocupava em mostrar os problemas do seu bairro.

A criação de “Chiquinho” por esse autor era totalmente oposta à sua primeira criação, pois Chiquinho tinha um comportamento dito como horrível, podemos distinguir no vestuário de ambos, o primeiro portava um camisolão amarelo e era pobre, e o segundo tinha um uniforme dito de marinheiro, advindo de família rica. Aos olhos da sociedade da época, Chiquinho encantava com as suas travessuras, consideradas como “cômicas”; o menino amarelo, por sua vez, foi rejeitado pela elite por não atender aos padrões da classe que se julga dominante.

Os estudos sobre gênero já tomaram conta de todo o cenário atual, enquanto as linguagens surgem. Os autores Melo, Borges e Nascimento (2009) apontam para a preocupação no cenário educacional com o aprofundamento das questões que vêm surgindo. Conforme os autores, tais discussões vêm sendo percebidas “desde Platão, Horácio e Quintanilha, passando por várias etapas quanto a sua definição e seu objeto de análise” (Melo; Borges; Nascimento, 2009, p. 04).

Os gêneros têm uma característica de pluralidade (é a diversidade de coisas e de pessoas em um mesmo espaço físico), que em termos gerais, são encontrados em suas variadas formas. O meio acadêmico não pode se atentar a uma única forma de linguagem ou gênero, pois como já foi dito anteriormente, os gêneros são diversos. Marcuschi (2006) considera que:

Uma maneira de deslocar o ensino de língua da gramática, da norma e da frase isolada para os processos e o funcionamento da língua em situações concretas de uso. Com base no texto pode-se trabalhar um sem-número de questões relevantes e inclusive a leitura e compreensão. Como se sabe, os textos materializam-se em formas as mais diversas e funcionam dos modos mais diversificados em situações sociais no dia-a-dia de todos nós. Essas materializações dos textos se dão em gêneros textuais (Marcuschi, 2006, p. 05).

Como foi colocado por Marcuschi (2006), através da linguagem podemos trabalhar diversos temas transversais, que podem auxiliar o indivíduo em seu cotidiano, assim como em situações que exigem uma maior interpretação da linguagem. Tavares (2011), em seus

discursos, acerca de algumas concepções de texto, destaca *quatro concepções de textos*, sendo elas:

[...] A língua como **representação do pensamento** tem-se o sujeito psicológico, dono de suas vontades e ações e para tal o texto é visto como um produto lógico do pensamento do autor e conseqüentemente resta apenas ao leitor ouvinte captar essa representação. [...] A concepção de **língua como estrutura como código**, vista apenas como mero instrumento de comunicação o texto será visto como simples produto desta codificação, na qual o leitor/ouvinte deve apenas decodificar o transposto pelo emissor. [...] **Língua como lugar de interação**, como a qual nos identificamos, os sujeitos atuam como atores construtores sociais. [...] O visto na **perspectiva do discurso**, não é uma unidade fechada - embora seja considerado inteiro quando o objeto de análise pois possui relações com outros textos com suas condições de produção com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (Tavares, 2011, p. 03, Grifos nossos).

A língua não é algo homogêneo, e sim algo heterogêneo, pois os estudos se atentam apenas para os textos como a única forma de se aprender a linguagem. Antunes (2002) aponta que do ponto de vista do seu sentido, as classificações e definições deram lugar para as "dependências", pois as palavras e frases se definem enquanto texto (Antunes, 2002, p. 66). Nos destaques feitos na citação anterior, as linguagens empregadas nos textos apresentam somente representações limitadas do todo, em que nem sempre será possível ter uma maior compreensão de toda a linguagem. *A língua como representação do pensamento*” pode ser vista apenas como fruto do discurso do ponto de vista do autor que escreve o texto, cabendo ao leitor apenas receber este pensamento, os textos trazem uma visão centrada de um ponto de vista ou apenas “codifica” uma mensagem que pode ser escrita entre linhas para que o seu receptor (leitor) possa descobrir a presente mensagem.

Em situações variadas, os textos podem ser “Interativos” como aponta Tavares (2011), desta forma o leitor apenas terá a visão de uma situação/problema colocada pelo autor do texto, de forma que possa interagir, tendo uma falsa sensação de fazer parte do universo que o texto apresenta. Um exemplo claro são os textos de ficção científica, em sua maioria os leitores tendem a viajar pelos seus pensamentos, imaginando, de certa forma, fazer parte do mundo fictício, esquecendo os seus problemas.

O uso dos textos traz limitações consideráveis ao ensino das linguagens. Antunes (2002) destaca que os professores, com as mudanças no ensino das línguas, acabariam afetando a sua concepção de língua, de gramática, de texto: os professores ensinam a “língua com base no texto, a partir do texto, ensina a língua através do texto”, de modo a não ensinar a língua na sua verdadeira forma, somente baseados em um mero construtor do texto, feito para tentar minimizar o ensino das línguas (Antunes, 2002, p. 67). A mesma autora, supracitada, compreende que o ensino da língua, ou seja, o “saber linguístico” é derivado do saber popular,

assim como o saber de suas funcionalidades, de modo a se desenvolverem requisitos de comunicação entre os pares.

O discurso dialógico, conforme Bakhtin (2010), não pode ser desvinculado das relações sociais, uma vez que é no seio dos discursos sociais que a interação com o “outro e o eu” surge, dando assim forma aos discursos, possibilitando a interação entre vários outros eu. Brait (2005) comenta que o dialogismo “diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos” (Brait, 2005, p. 95). Para Bernardon, Costa-Hübes e Sella (2016), o discurso está relacionado a elementos da marca linguística, assim como elementos não verbais que podem auxiliar na existência dos enunciados.

Compreendemos que o discurso se configura tanto por marcas linguísticas como por elementos não linguísticos, os quais podem ser interpretados como as condições sociais, históricas e ideológicas que organizam o discurso. E é exatamente nos entornos do enunciado que as relações dialógicas se estabelecem (Bernardon; Costa-Hübes; Sella, 2016, p. 128-129).

Dessa forma, o discurso acaba por se encontrar com o discurso de outras pessoas e formam uma interação linguística, que por sua vez não é algo imóvel, ocasionando provocações, levando o outro a criar o seu próprio discurso, dando assim uma continuidade no que foi dito, colocando assim a sua voz, o seu ponto de vista em relação ao que foi exposto. Ao encontrar-se com o discurso de outras pessoas, os discursos se atravancam, criando uma interação, dando forma aos discursos do autor. As autoras Bernardon, Costa-Hübes e Sella (2016) afirmam esta interação quando dizem que:

Assim, o discurso dialogiza-se com o “já-dito”, o “já-posto”, constituindo-se como uma réplica, uma resposta, um posicionamento ativo. E uma vez assim constituindo, provocará, por sua vez, outras réplicas, outros diálogos a partir da interação com seu interlocutor que poderá criticar, discordar, interpelar, refutar, concordar, não havendo limites para o dialogismo. Dessa maneira, o universo linguístico social está sempre respondendo a um enunciado posto porque cada enunciado não é acabado, mas sim, passado ao outro que imprime nele a sua voz (Bernardon; Costa-Hübes; Sella, 2016, p. 129-130).

O diálogo pode assumir formas interpretativas, como foi colocado acima pelas autoras, o outro pode “refutar, concordar e acrescentar”, não estando limitado a um único pensamento, fala ou ação estabelecida pelo homem. O diálogo se estende a vários grupos, povos, sociedades distintas, pois o ato de fala possibilita uma interação variada do imaginário comunicativo. O gênero discursivo encontra-se associado diretamente às esferas humanas, em que a vida humana se condiciona ao cotidiano, as esferas podem ser constituídas de diversas formas, por exemplo a “esfera da escola” está condicionada ao ensino, ou seja, ao que se deve aprender e como será

ensinado, por sua vez temos a “esfera familiar”, com os seus processos ideológicos do cotidiano, que na sua maioria dita as regras do convívio social.

Machado (2005) discute sobre a emergência da classificação dos gêneros, em que os postulados escritos por Bakhtin sobre os gêneros são base para a literatura em questão, que trata do uso dos gêneros discursivos na esfera social e cultural. Ancorado nos escritos de Aristóteles, Machado (2005, p. 151) comenta que:

Para a classificação teórica dos gêneros, a definição das formas *poéticas* se manifesta em termos de classificação. A obra de Aristóteles é muito clara neste sentido. Em sua poética, **classifica os gêneros como obras da voz** tomando como crítica o modo de representação mimética. Poesia de **primeira voz e representação da lírica**; a poesia de **segunda voz da épica**, e a poesia de **terceira voz, do drama**. Trata de uma classificação paradigmática e hierárquica, facilitada pela observação das formas no interior de um único meio a voz. (*Grifos nossos*).

Diante da classificação proposta por Aristóteles, podemos perceber que o princípio das classificações é a “**voz**”, que é convertida em figuras de linguagem, sendo que cada gênero literário tem a função de transmitir um posicionamento, ou seja, no meio literário podemos ver a tonalidade da sua voz (alta, baixa, fina, grossa, sussurros, gritos, felicidade, entre outras), a forma como a pessoa se expressa, assim como seus desejos e anseios ao escrever um texto.

Aristóteles, ao definir as três representações da poesia, diz que a lírica é representada através do canto, pois a poesia lírica tem a sua representatividade cantada, acompanhada de instrumentos musicais. A épica tem a sua base nas narrativas, uma vez que se propõe a fazer narrativas de histórias e contos fabulosos. O drama se configura na junção das narrativas e dos cantos, dando um sentido emocional, em que os autores podem transpor as suas emoções, tanto de raiva, felicidade, espanto, terror etc. Os gêneros classificados por Aristóteles deram espaço para o aparecimento de um novo gênero. Bakhtin formulou o gênero Prosaico, na “emergência da prosa passou a reivindicar outros parâmetros de análise das formas interativas que se realiza pelo discurso” (Machado, 2005, p. 152).

3.3. Produtos educacionais para além da forma

Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (CAPES, 2016, p. 02 *apud* Silva, 2020, p. 12), “a produção de materiais educacionais é dirigida a determinados públicos, envolvendo processos de formação em ambientes de ensino formal [...] ou não formal”. Pois, diante dos mestrados profissionais, o setor educacional requer cada vez mais a produção de materiais pedagógicos que possam auxiliar os professores dentro das instituições de ensino.

Pois, conforme a CAPES (2016), no que diz respeito à produção “formal”, nas escolas e instituições educacionais nos diversos níveis de ensino, são produtos que podem auxiliar no ensino, tanto de nível básico quanto em projetos de nível superior dentro das Instituições de Ensino Superior (IES). Nas produções “informais”, em museus e centros de ciência, arte e cultura, centros de saúde e similares, entre outros, os materiais destinados a estes locais podem auxiliar no ensino de forma indireta, pois não são instituições de ensino, porém garantem a preservação da “história” e de seus povos. Freitas (2021) nos mostra uma reflexão sobre os produtos tecnológicos, ao afirmar que:

O Produto Educacional não pode ser reduzido a um elemento físico, seja ele impresso ou virtual, mas que é composto por uma série de componentes internos que se referem aos sistemas simbólicos mobilizados, sua forma de organização, com conteúdo e conceitos a serem aprendidos, com organização didática e estrutura condizentes com o contexto para o qual se destina (Freitas, 2021, p.06).

Diante da reflexão proposta pelo autor acima, os “produtos” são mais que meros materiais, que tendem a ser elaborados levando em consideração a realidade pedagógica e contexto em que o seu público está inserido no meio educacional, de modo a contemplar não apenas uma pequena parcela, e sim todo o entorno da instituição de ensino em que se pretende inserir. Podemos ver que tal apontamento feito anteriormente está em sintonia com o documento elaborado pela Área de Ensino da CAPES:

[...] um processo ou produto educativo aplicado em condições reais de sala de aula ou outros espaços de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição, entre outros. A dissertação/tese deve ser uma reflexão sobre a elaboração e aplicação do produto educacional respaldado no referencial teórico metodológico escolhido (Brasil, 2019a, p. 15).

Não devemos reduzir o valor dos produtos apenas a sua forma. Freitas (2021), em seu artigo, traz vários questionamentos sobre o tratamento dos produtos, que devem ser como pontos de reflexão para a produção e aplicação dos próprios:

Porém, alguns questionamentos precisam ser feitos sobre essa posição. Será que é suficiente dizer que o produto educacional é uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo etc.? Será que descrevê-lo dessa maneira não implica em valorizar mais a forma que o conteúdo? Não seria mais adequado descrever o produto levando-se em consideração conteúdos abordados e métodos de ensino utilizados/indicados? Em alguns casos, não está havendo uma confusão entre a forma como o produto é apresentado para a sociedade e o que realmente o configura? (Freitas, 2021, p. 07).

Diante de tais questionamentos, devemos nos atentar a quais tipos de produtos e suas aplicabilidades devem ser desenvolvidos no setor educacional, para garantir uma maior aderência tanto no setor interno quanto externo da instituição de ensino.

As Histórias em Quadrinhos procuram divertir, informar, dialogar sobre assuntos que são ou não de cunho educacional. No cenário atual, podemos ver a criação e o surgimento de diversas HQs, assim como nomes brilhantes, para exemplificar temos: Agostini, que em nosso país, se tornou uma das grandes referências para a temática; atualmente, temos Maurício de Sousa, outro visionário que com a sua arte, nos contempla com assuntos e histórias ilustradas, que vão do cômico ao informativo.

A história em quadrinho (HQ) é um gênero textual cujo objetivo é trazer uma mistura de imagens e textos, que servem para ilustrar ou contar uma história, usualmente utilizadas pelo setor de ficção, em que muitos autores e criadores de revistas em quadrinhos utilizam para demonstrar um ponto de vista. Segundo Marinho (2022, p. 02), as histórias em quadrinhos “possuem elementos básicos de narrativa, tais como personagens, enredo, lugar, tempo e desfecho”.

As HQs, como são mais conhecidas, tendem a ser mais chamativas, por possuírem imagens e sempre contar histórias, são um gênero bastante utilizado na disciplina de português, para ilustrar uma situação ou demonstrar uma conversa em que os alunos terão que ter um olhar interpretativo das imagens, assim como das falas que estão empregadas. Marinho (2022) mostra que as HQs se constituíram no Brasil e revelaram grandes nomes do setor, dando destaque para as criações artísticas do país. O referido autor diz que:

No Brasil, Manuel de Araújo Porto Alegre ficou muito conhecido como o primeiro quadrinista do país, tendo produzido, inicialmente em litografia, a primeira sátira e a primeira revista ilustrada de humor no país. *Em 1905, foi lançada a revista Tico-Tico, considerada a primeira revista em quadrinhos do Brasil, desenhada por Renato de Castro. Em 1930, as tirinhas passaram a compor a revista, com personagens famosos do exterior, como o camundongo Mickey Mouse e O Gato Félix, que passam a ser publicados no Brasil. Em 1960, Ziraldo, famoso cartunista brasileiro e o criador de o Menino Maluquinho, lançou a revista Turma do Pererê. Nesse mesmo ano, nasceram os primeiros personagens de Maurício de Sousa, outro grande cartunista brasileiro: Cebolinha, Cascão (1961) e Mônica (1963), criando, assim, a Turma da Mônica, que passou a ser publicada na Folha de São Paulo e, posteriormente, ganhou sua própria revista (Marinho, 2022, p. 05, Grifos nossos).*

Como podemos ver, o Brasil tem grandes nomes considerados referências para a criação de quadrinhos, como foi destacado anteriormente: Ziraldo, criador do Menino Maluquinho, e Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, que é um sucesso em nosso país. Levando em consideração estes dois artistas e criadores de conteúdo infantil, que não atingem apenas o público infantil, mas também o jovem.

O presente trabalho aponta para a utilização deste recurso visual-textual, pois através das produções em quadrinhos, iremos realizar a produção de uma HQ, visando revisitar as memórias e vivências de uma comunidade esquecida, tendo como personagens os moradores da “Comunidade Brejo da Conceição”, de modo que os alunos e moradores possam ter um entendimento e ver através dos levantamentos e pesquisas feitas como era a construção da própria, e como se constituem as relações estabelecidas atualmente, dialogando assim com a inserção do sistema de produção agrícola da região, demonstrando a importância de valorizar e preservar as formas de produção existentes dentro da comunidade, de forma agroecológica e sem a utilização de produtos químicos.

A produção das HQs pode trazer à luz artistas que estão escondidos dentro da comunidade, além de ser um recurso pedagógico de muita ajuda para as disciplinas de português, história, geografia, ciências e artes, pois com as mesmas podem ser trabalhados diversos gêneros textuais e transversais, assim como ter acesso à história da cidade e da comunidade, e ver a geografia do lugar, assim como ter um conhecimento das plantas produzidas na comunidade, bem como as que têm maior adaptação, segundo o conhecimento popular, que tem uma importância imensurável para a formação dos moradores.

3.4. Uma Construção do Produto Educacional

As histórias em quadrinhos têm o seu surgimento no século XIX, como uma iniciativa dos jornais estadunidenses, visando ganhar mais leitores e chamar a atenção do público jovem para ler as notícias, promovendo assim o gosto pela leitura. Esta iniciativa foi ganhando força através do século, atraindo pessoas que se propuseram a criar revistas de diversas formas e gêneros. As de ficção, tidas como as de heróis, Batman, Super-Homem, Homem-Aranha, assim como várias outras, são tidas como febre entre o público jovem e infantil. As histórias em quadrinhos obedecem a uma estrutura que possibilita a maior compreensão dos textos e imagens contidas nas mesmas.

Aqui, trarei de forma abrangente os elementos que compõem e estruturam uma revista em história em quadrinhos, assim como os seus processos de criação. Moraes (2016) separa a composição das HQ's em duas partes, “visuais e textuais”, a primeira está relacionado como as vemos, ou seja, as suas características físicas, nesta parte podemos ver os elementos: *vinheta* – relaciona-se ao quadro que dá destaque à ação; *figura* – relaciona-se à forma como os personagens estão representados, destacando-se as suas expressões e ações executadas; *elipse* – relaciona-se aos espaços que ficam entre as vinhetas, garantindo uma maior fluidez entre os

quadros; *balão* –tem como finalidade receber a fala dos personagens, assim como elementos de som; *página ou prancha* –é como as tirinhas/quadros são organizados, de modo a garantir uma maior visualização da ação empregada pelo personagem.

No que compreende as **páginas e pranchas**, este relaciona-se às formas textuais, como fala, pensamento, gritos, entre outros. Para a composição dos textos, temos: *onomatopeia* – corresponde a como as expressões estão juntas aos balões, tem o objetivo de representar os sons das palavras; *icônico-verbal* – é a composição entre imagens que traz graça à ação e elementos que simbolizam ação, palavras, entre outras; *narrativa* –relaciona-se aos personagens, enredo, lugar e tempo, pois as narrativas são importantes para a compreensão da história na totalidade. Para tanto, iremos aqui mostrar alguns tipos de balões importantes para que as narrativas possam ganhar forma.

Os balões, como foi apontado por Moraes (2016), têm a finalidade de representar fala, ação e gestos. Garone e Kunz (2011) apresentam os balões em quatro formas: *balão de fala* – apresenta uma forma mais alongada, que vai em direção ao personagem, ou seja, mostrando a sua fala naquele momento; *balão de pensamento* –é expresso no formato de nuvem, vem junto ao personagem, indicando assim, como o próprio nome diz, um pensamento; *balão de grito* – tem como finalidade expressar o tom de voz dos personagens, uma vez que na forma verbal, podem apresentar alterações na fala; *balão quadrado* – tem como finalidade apresentar a voz do narrador ou infrações que não estão sendo faladas pelos personagens, e sim, por uma pessoa externa à cena. Na figura 09, podemos ver outros tipos de balões.

Figura 9: Tipos de Balões



Fonte: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSI2NtMFaIB-36Xmg11W-7yU9FOJo0yj8_MqQ&s

Essas são algumas possibilidades de balões encontradas, o seu uso varia dependendo do que o artista ou criador da história em quadrinhos quer representar, ou seja, o sentido que a história terá. A sua formação, ao juntar todos os elementos, forma as revistas de histórias em quadrinhos, trazendo diversão, informações, resgatando histórias e dando um novo sentido às múltiplas narrativas dos povos camponeses, assim como de vários outros povos importantes para a construção identitária nacional.

3.5. Formação da História em Quadrinhos Intitulada “Origem: lutas e Resistência da Comunidade Conceição”

Essa é uma produção autônoma, que visa à elaboração de uma História em Quadrinhos da Comunidade Conceição, em que as informações foram fornecidas pelos moradores que são participantes da história. Este é um relato de como foi produzida a história em quadrinhos, assim como a revista foi idealizada. As narrativas que aqui se fazem presentes foram o subsídio para a elaboração da revistinha em quadrinhos intitulada *Origem: lutas e resistência da comunidade Conceição*. Para podermos dar início, iremos fazer um retrocesso no tempo, retornando ao ano de 2019, quando tudo começou.

O ano de 2019 foi marcado por muitas descobertas pessoais, nesse ano surgiram várias inquietações enquanto estudante de Licenciatura em Educação do Campo, uma delas foi a preocupação de como perpetuar as vivências e memórias dos povos camponeses da minha comunidade. Durante as pesquisas para a criação do artigo, tive a percepção de histórias e vivências incríveis, que eu, enquanto morador, não tinha conhecimento, esta questão me fez pensar que embora não tivesse conhecimento da nossa história, pois a minha geração não tinha vivenciado os acontecimentos que deram origem à comunidade Brejo da Conceição, estas lutas e vivências fazem parte do meu ser, do meu DNA.

Nos anos de 2020/2021, tive o prazer de realizar um trabalho com amigos, o qual tinha como objetivo criar uma “HQ” de ficção, em que misturava terror, romance e ação. Neste processo, tive um maior contato com este universo quadrinizado, assim como os processos de construção textual, roteiro e produção das imagens, assim como a sua formatação. No mesmo período, tive a oportunidade de ingressar no curso de Mestrado Profissional em Educação do Campo do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – PPGEDUCAMPO, Centro de Formação de Professores – CFP, na cidade de Amargosa–BA.

No ano de 2022, durante as aulas, tive várias provocações pertinentes às comunidades camponesas, a que me fez pensar e repensar foi durante a aula de “Produtos Educacionais”, ministrada pelos professores Mariana e Franklin, à qual devo a realização deste produto. Eles me instigaram a criar um produto que tivesse um alcance social, educacional, nas comunidades camponesas. Durante as pesquisas para a elaboração do projeto, pude me deparar com a seguinte inquietação: Como preservar as memórias da comunidade Brejo da Conceição? Esta indagação me levou a pensar como os moradores poderiam ter acesso às memórias da comunidade, uma vez que esta nova geração modernizada não olha mais para quem é detentor da história de vida da comunidade, os nossos anciões estão ficando à beira do esquecimento, e com eles as experiências estão se esvaindo.

Enquanto pesquisador, tive a percepção de que os moradores dessa comunidade, em sua maioria, não são letrados, não tendo o domínio da leitura e da escrita. Ao retornar as minhas experiências e memórias de 2021, com a criação de uma revista em quadrinhos, tive a percepção que as revistas quadrinizadas são um recurso didático/pedagógico muito utilizado em sala de aula por várias disciplinas, aliando elementos verbais e não verbais, tive a visão de estar propondo a criação de uma história em quadrinhos que versasse sobre as vivências narradas pelos moradores da comunidade da qual faço parte. Ao apresentar na disciplina de “produtos

tecnológicos”, tive a certeza de qual produto melhor se adequa à realidade educacional da minha comunidade.

Durante o processo de construção, enfrentei vários desafios e percursos que foram desafiadores para a sua formação. Para a criação da HQ, tive a reunião dos dados no formato de textos, em que deixo claros os processos de construção histórica da Comunidade Conceição, através das memórias e narrativas dos participantes da pesquisa. Após a reunião dos dados contidos no *Tópico II* deste trabalho, foi feita toda a escolha do estilo da revista, assim como a escolha de como os personagens seriam retratados. Estes dados foram transformados em roteiro de produção, o qual trago com mais detalhes no próximo tópico.

Após a junção dos dados, foi feita a leitura e levantamento dos principais acontecimentos relevantes para a criação da revista, ao longo deste processo, foi levada em consideração a forma como algumas narrativas foram contadas durante a pesquisa de campo. Para a criação dos cenários foram levadas em consideração a realidade e a geografia da região na qual os moradores estão inseridos. O estilo da revista adotado foi o de “anime e mangá”, a escolha se deve ao fato de que no meio quadrinizado esses são os mais utilizados, podendo garantir uma maior disseminação entre os jovens, tendo assim um visual mais moderno, podendo ser apreciado por todas as idades.

Nas páginas ou prancha foram adotados dois estilos, o de quadros e o de tirinhas, pois os mesmos pretendem dar um novo sentido na produção das revistas em quadrinhos, uma vez que o estilo em quadros é o mais popular, garantindo assim, uma maior visualização das cenas e acontecimentos propostos na revista. A minha escolha pelos dois estilos, tem a função de mostrar que a arte não obedece a uma sequência lógica de criação, é sim uma liberdade de “criar” de encantar e tocar o outro, em sua verdadeira forma. Cada personagem pretende retratar e representar não apenas uma pessoa específica, pois todos os moradores que narraram as suas vivências e experiências contribuem com a presente História em Quadrinhos.

Para o desenvolvimento e apresentação da revista, tive como questão central a devolutiva para os moradores da comunidade, levando em conta que os pesquisadores apenas sugam as informações fornecidas pelos mesmos e não devolvem um resultado de suas pesquisas. A história inicia-se com o personagem principal da história em uma sala de aula, realizando uma apresentação universitária, este personagem tem duas funções na história, a de narrador e a de pesquisador participante. Visando ao método de pesquisa narrativa, através das rodas de conversas, me propus a desenvolver a história, trazendo as características das rodas de conversa, pois durante a apresentação os personagens estão ao redor de uma fogueira. Pois a

revista, desenvolvida como se fosse uma apresentação universitária, visa à representação da devolutiva que o pesquisador deve ter com os pesquisados.

Durante a apresentação das páginas, foi feita uma mistura de flashback visando representar a memória, mostrando assim os acontecimentos narrados. No fechamento da história, o personagem volta para a sala de aula com uma imagem que representa a união entre pesquisador e pesquisado, uma vez que o pesquisador depende das narrativas disponibilizadas. Nas páginas finais, foram criados três jogos relacionados à história: jogo de caça-palavras, procurando e pintando os 10 erros e, por fim, uma cruzadinha com palavras que aparecem no decorrer das narrativas.

O processo de criação e montagem das páginas se desenvolveu com a utilização de alguns programas essenciais, a sua criação teve que passar por dois percursos, o de *criação artística* e o de *designer gráfico*. Para a realização do primeiro, foi utilizado o programa *Clip Studio*, o qual é muito utilizado pelos maiores criadores de revistas em quadrinhos. O processo de criação passa por algumas etapas importantes e demoradas, para só então chegar à imagem completa. A etapa 01 refere-se aos rascunhos, este tem o objetivo de definir posições e ações; a etapa 02 é o refinamento das imagens, este por sua vez é o desenho mais limpo, para quase visualizar o desenho pronto. A etapa 03 é a pintura e finalização da imagem, assim como a da página na totalidade. A espessura da linha varia entre 04 e 07 mm, a duração para finalizar as três etapas varia entre 03 e 07 horas, a depender da elaboração do desenho. Veja o exemplo a seguir dos passos de criação de uma imagem:

Figura 10: Etapa 01 – Rascunho



Figura 11: Etapa 02 – Refinação



Figura 12: Etapa 03 - Pintura



Fonte: Material da História em Quadrinho. Origem: Lutas e Resistência da Comunidade Conceição.

O processo seguinte, após a finalização das páginas, é formado pela formatação e diagramação das páginas, que consiste na colocação e ajuste das imagens nos balões e sinalização proposta em cena. Os programas utilizados na montagem são o *Photoshop* e o *Illustrator*, programas essenciais na construção da versão final do produto aqui proposto. A montagem da revista é um processo de pura revisão minuciosa da escrita dos textos, assim como a colocação dos elementos que compõem uma revista em quadrinhos, como capa, contracapa, folha de rosto, entre outros elementos.

Figura 13: Colocação dos Textos nas Páginas



Fonte: Material da História em Quadrinho. Origem: Lutas e Resistência da Comunidade Conceição.

O ajuste da página é fundamental para decidirmos e moldarmos a sua estrutura física que será distribuída nas escolas e na comunidade, o tamanho da página que foi escolhido é o 14,5 x 21 cm, esta escolha se deu pela dimensão do projeto, uma vez que pretendo realizar a impressão com recursos próprios. Desta forma, ao reunir todos os elementos, formamos assim a revista de história em quadrinhos. A sua distribuição se dará mediante a entrega de cópias aos alunos para que outras pessoas da comunidade possam ter acesso à revista em quadrinhos.

3.6. Roteiro de Produção na Construção das Histórias em Quadrinhos

O roteiro se desenvolve em três níveis de construção, “uma ideia, argumento e roteiro”, aqui iremos discutir sobre os três campos na construção do roteiro que culminou na produção do produto educacional. A *ideia* – está relacionada a como pensamos a construção da nossa história. Comparato (1995) define que existem vários tipos de ideias na construção do projeto, acerca deste ponto iremos destacar dois: “[...] **Ideia verbalizada**: provém de uma história ouvida ou de algum elemento captado no ambiente à volta do roteirista. [...] **Ideia procurada**: encontrada mediante estudos que demonstrarão o que é demandado por determinado público” (Comparato, 1995, n.p, *Grifos nossos*).

Utilizando esses dois tipos de ideia, a verbalizada e a procurada, o roteiro se constitui, pois a partir do momento em que as pesquisas são feitas, as ideias vão ganhando forma, pois aqui a ideia principal é dar forma às memórias dos povos camponeses da comunidade Brejo da Conceição. Pois os moradores verbalizam as suas histórias através dos tempos, afirmando assim a sua identidade camponesa. No campo do *argumento* – é a primeira forma textual, em que o escritor irá definir todo o sentido dos acontecimentos. Aqui, encontra-se embutida nas pesquisas de campo a forma como toda a trama se desenvolve. Para o roteiro se constituir, dividimos a sua construção por página, descrevendo as cenas e os quadros construídos. No tópico seguinte, mostramos como foi organizado.

3.6.1. Roteiro para criação do produto educacional

O presente roteiro tem como finalidade auxiliar na construção das páginas que compõem a história em quadrinhos, que será apresentada como produto educacional, ao programa de pós-graduação em educação do campo – PPGEDUCAMPO, do curso de mestrado profissional em educação do campo. A seguir mostrarei como foi pensada cada página da nossa história.

CAPA: Para a construção da capa, teremos como elemento e fonte de inspiração o estilo de história em cordel. Na capa, teremos uma árvore frutífera, uma árvore seca, com uma criança atirando pedras na árvore para obter um fruto. Com um caminho que leva a montanhas, uma das características do lugar onde moramos, pois a região está rodeada de serras/montanhas.

Página 01: Quadro 02: Legenda: Brejo da Conceição, uma comunidade marcada por uma história de luta e resistência. **Cena:** Personagem principal em pé explicando sobre o que será apresentado, apontando em direção ao quadro enquanto uma imagem é transmitida por um *datashow*, mostrando uma imagem aérea da comunidade de como ela era antigamente. Paisagem rural com casas modestas, com as extremidades cheias de vegetação dos brejos úmidos, cheios de pés de buriti à direita da comunidade e as caatingas à esquerda. **Jubileu:** -

Olá, a todos! Hoje, irei apresentar um pouco da história da comunidade Conceição! - Para isso, irei pedir que alguns moradores falem sobre! Vamos comigo nesta jornada de descobertas?

PÁGINA 02: Cena: o personagem fora do quadro em cima do que está passando a imagem deles reunidos ao redor da fogueira, enquanto ele explica a imagem que está sendo apresentada. **Jubileu:** - me reuni com os moradores ao redor de uma fogueira, para relembrarmos a história de origem da comunidade, onde eles viviam antes de chegarem no lugar que, nos tempos atuais, chamam de lar. **Quadro 01: CENA:** Uma imagem geral de onde eles estão, com a fogueira ao lado de uma casa de adob, com uma árvore do lado, tendo a fogueira e as pessoas ao redor dela, debaixo dessas árvores. **Quadro 02: Jubileu:** - Agradeço por terem disponibilizado um pouco do tempo de vocês. Gostaria que vocês falassem um pouco sobre a origem da comunidade. **Jubileu:** - Até onde eu sei, a comunidade era apenas um punhado de casas em meio à vastidão do campo. Então me digam: quais foram as dificuldades que vocês encontraram? **Quadro 03: Joaquim:** - Bom, a primeira coisa a se lembrar é que a gente vivia em uma fazenda, lá a gente trabalhava e desde criança a única coisa que podíamos fazer era apenas trabalhar.

PÁGINA 03: Cena: a fogueira está do lado de uma casa de adobe, com uma árvore do lado, tendo a fogueira e as pessoas ao redor dela, debaixo dessas árvores. **Quadro 01: João:** - Mas mesmo com essa vida difícil que a gente tinha, a gente ainda assim tinha nossos amigos e vizinhos e nos ajudamos uns aos outros. **QUADRO 02: CENA:** A cena mostra as pessoas ao redor da fogueira, mostrando que estão com sua atenção voltada para o Homem à frente. **Quadro 03: Cena:** A cena mostra um lugar com casas e terras com vegetação e pessoas trabalhando. **Quadro 04: Joaquim:** - Até que o padre Pedro chegou, ele chegou dizendo que era o novo dono das terras, e tomou as terras para si em nome de uma tal de alta inquisição.

PÁGINA 04: Quadro 01 - FLASHBACK: Um homem de idade avançada, caminhando em direção a uma igreja que havia naquele lugar, usava roupas finas para alguém do interior, o que o destacava dos demais. **Quadro 02 - AINDA NO FLASHBACK: Cena:** A igreja a que ele foi em direção. **Quadro 03:** Mostra o homem chegando e cumprimentando algumas pessoas que moravam na terra.

PÁGINA 05: QUADRO 1: Padre Pedro: - Agradeço a atenção de vocês, comprei essas terras recentemente, mas não se preocupem, vocês ainda irão morar aqui. - Mas vocês terão que trabalhar, entenderam? **Quadro 02: Cena:** mostra as pessoas ao redor ouvindo o padre. **Quadro 03: Padre Pedro:** - A primeira coisa que eu peço é que me ajudem a construir minha casa.

PÁGINA 06: Quadro 01: mostra a divisão de terras. **Quadro 02:** mostra pessoas trabalhando no campo. **Quadro 3:** Mostra a casa do padre já construída e com uma frase dizendo “um tempo depois”.

PÁGINA 07 - SAINDO DO FLASH BACK. Quadro 01: Joaquim: - O padre Pedro dividiu aquelas terras e disse que aquele era onde podíamos plantar, e no final das colheitas, tínhamos que pagar renda para ele. **Quadro 02: Joaquim:** - Não tivemos escolha a não ser fazer o que ele nos pediu, até porque ele era o novo dono, mas também era um bom homem. **Quadro 03:** mostra uma imagem aérea onde há pessoas trabalhando nas terras que foram entregues pelo padre Pedro.

PÁGINA 08: NO FLASHBACK. Quadro 01: Pessoas fazendo fila para colocar as colheitas em cima de uma mesa posta pelos proprietários da fazenda. **Quadro 02: Cena:** uma mesa com vários tipos de alimentos. **Quadro 03: Cena:** O primeiro camponês fala. **Camponês:** - Peço desculpas, esse ano não consegui produzir muito, mas aqui é a minha parte. **Quadro 04: Padre:** - Não tem problema, eu vi que o clima não estava tão favorável.

PÁGINA 09: Cena: A cena muda e mostra o jubileu explicando o que aconteceu depois, com os dois quadros mostrando os novos donos e a fazenda. **Quadro 01: (imagem do topo, fora da cena). Narrador:** Logo após um certo tempo, a fazenda teve dois novos proprietários, José Castro e senhor Carra, e eles foram os terceiros donos das terras e deram origem à fazenda Franca Brasileira. (em cima do quadro). **Quadro 02: Jubileu:** - E depois de um certo tempo, a fazenda teve um novo proprietário. O nome dele era Aluízio Moreira de Angelim.

PÁGINA 10: Quadro 01: João: - Assim que o Aluízio chegou, as coisas mudaram por lá, ele foi com um programa chamado Sudene. **Quadro 02: Joana:** - Antes da chegada deste homem, as coisas eram bem rotineiras, eram sempre as mesmas coisas, plantar, cuidar e colher. **Quadro 03: Maria:** E já que ele era uma pessoa fluente no meio político, as coisas ficaram bem diferentes por lá.

PÁGINA 11 - FLASHBACK: Cena: Mostrar o Aluízio sentado em uma cadeira na área de sua casa com uma das crianças daquele lugar, pedindo para que a criança vá chamar dois dos moradores. **Quadro 01: Aluízio:** - Ei, menino, vá e chame o João e o Joaquim. **Quadro 02: Cena:** O João e o Joaquim estavam trabalhando na roça, quando a criança chegou até eles. **Menino:** - Ei, tio João, o senhor Aluízio está chamando o senhor e o Joaquim! **João:** - Estamos indo. **Quadro 03: Cena:** Mostra os dois chegando à área daquela casa e cumprimentando Aluízio, o dono está sentado em uma cadeira com as costas viradas para a parede. A imagem está de lado, mostrando os homens em pé de frente para o Aluízio. **João:** - Boa tarde, o senhor

mandou nos chamar? **Quadro 04: Cena:** uma imagem mais aproximada do rosto do Aluízio. **Aluízio:** - Sim, mandei chamar vocês porque irei fazer uma viagem a negócios. Por isso, quero que vocês cuidem de tudo por aqui. **Aluízio:** - Quero que vocês cerquem uma área para mim.

Página 12: Cena: Nos próximos quadros queremos mostrar uma cena com quatro (políticos), incluindo o próprio Aluízio, reunidos ao redor de uma mesa e um dos políticos começou a falar. **Quadro 01: Cena:** Aluízio cumprimentando alguns políticos em um gabinete bem chique. **Quadro 02: Cena:** mostra todos reunidos em uma sala do ministério federal, ao redor de uma mesa quadrada, tendo os 04 políticos e o senhor Aluízio. **Aluízio:** Gostaria de pedir o apoio dos senhores para a aprovação do projeto da SUDENE na minha região. **Quadro 03: Cena:** Mostra uma imagem desses mesmos políticos sem o Aluízio, com a frase “três horas depois”.

Político- 01: - A região do sul do Piauí é bem fértil, acho viável desenvolver na região. **Político- 02:** - Certo! Iremos aplicar o projeto na região sul do Piauí. **Político – 03:** - A criação de gado é mais rentável... **Político – 04:** - Com todas as considerações, o projeto está aprovado. **Quadro 04: Cena:** mostra o Aluízio assinando um projeto... na mesa mostra uma folha com o Aluízio assinando e os políticos em volta.

PÁGINA 13: Narrador em cima da página: após alguns dias, o senhor Aluízio chega à fazenda com muito gado, dando início assim à criação dos Bovinos. **Quadro 01: Cena:** Mostra os moradores fazendo cercas em uma parte da propriedade. **Quadro 02: Cena:** mostra Aluízio chegando à fazenda. **Quadro 03: Cena:** Mostra um caminhão chegando à fazenda cheio de gado. **Quadro 04: Cena:** mostra uma parte da área cercada com gado. (página 09 – quadro com gado).

PÁGINA 14: Quadro 01: Personagem 1: - A chegada do senhor Aluízio mudou as coisas e começamos a prosperar. Até que aquele homem chegou. **Quadro 02: Jubileu:** - O quinto dono da fazenda, né? **Quadro 03: Maria:** - Sim, o nome dele era Chuxa, e ele não quis que ficássemos lá e logo nos mandou embora, porém, não tínhamos para onde ir. **Maria:** - Então muitos de nós nos recusamos a sair daquele lugar. **Quadro 04: Cena:** mostra um homem robusto apontando uma direção, insinuando para as pessoas seguirem para lá.

PÁGINA 15 - Quadro 1: João: - A gente podia fazer nada... alguns dos moradores pediram para ficar, e muitos até diziam que não iriam sair de jeito algum. **Quadro 2: Cena:** João pega um graveto e começa a mexer na fogueira enquanto fala: **João:** - O povo ficou revoltado ao ser expulso daquele lugar, mas o Chuxa acabou levando mais de 80 famílias à justiça. **Quadro 3: Personagem 4:** - Enfim, por mais que tenhamos tentado ficar naquele lugar,

mesmo sem a autorização do Chuxa, não teve jeito e tivemos que sair de lá por uma ordem judicial.

PÁGINA 16 - Quadro 01: Cena: As pessoas indo embora, deixando as suas casas para trás. **João:** - Mas em troca, recebemos cerca de 20 hectares de terra para cada família, e hoje em dia é onde a gente vive desde então. **Quadro 02: Jubileu:** - É uma história bem comovente, e quando vocês vieram para cá foram os primeiros moradores dessas terras? **Miguel:** - Não, quando eles chegaram aqui, já existia mais de cinco famílias, se não me falha a memória, incluindo a minha, é claro.

PÁGINA 17 - Quadro 01: Miguel: - Eles vieram de bem longe, cerca de um quilômetro daqui até a fazenda, mas conhecíamos muitos deles e alguns até eram parentes. **Quadro 02: João:** - Bom, a gente chegou aqui bem desanimados e a vinda para cá foi um pouco difícil.

PÁGINA 18 - Cena: Uma imagem geral mais afastada da fogueira. **Quadro 01: Joaquim:** - Eu mesmo sou um dos que tinha conhecidos por aqui, mas isso não esconde o fato de que foi difícil no começo. **Joana:** - Pois é, foi bem difícil nos adaptar e estávamos abalados, mas hoje em dia levamos uma vida tranquila. **Quadro 02: Jubileu:** - Essas narrativas são bem emocionantes, fico muito agradecido pelos relatos e a troca de experiências. **Jubileu:** - Entendo que as coisas por lá foram bem intensas, mas com garra e dedicação vocês conseguiram resistir a todos aqueles acontecimentos.

PÁGINA 19 - Cena: Volta à sala de aula na apresentação, - com uma foto deles com um ao lado do outro, com a fogueira na frente e eles atrás da fogueira em pé, com a frase “obrigado pela atenção!” – OBS: quadro do slide. **Jubileu:** - Essa história retrata as lutas e desafios enfrentados pela comunidade “Conceição”. Através desta apresentação, as memórias dos povos camponeses da “Comunidade Brejo da Conceição” podem chegar a muitos outros lugares. Agradeço a todos que participaram desta apresentação!

PÁGINA 20 – CAÇA-PALAVRAS. Aqui pretendo colocar um caça-palavras, com palavras que aparecem nos diálogos. A paisagem é bem alegre. Personagem sentado.

PÁGINA 21 – Cruzadinha. Nesta página será criada uma cruzadinha com algumas palavras e nomes que aparecem na história. Paisagem bem alegre. Personagem em pé.

PÁGINA 22 – Pintura e procura dos 10 erros. Para a criação desta página, necessito da criação de duas paisagens referentes à história, apenas em preto e branco, em que as pessoas possam fazer a pintura delas. Na imagem, devem conter 10 erros, a fim de que o público possa procurá-los. Imagem de pessoas trabalhando no campo, com plantas, animais, homens e mulheres. Espalhar na imagem 02, dez erros que não sejam tão aparentes.

Este roteiro foi de fundamental importância para o desenvolvimento do produto educacional, visto que sem o roteiro não se pode realizar a criação das páginas, assim como dar um devido sentido lógico para a produção.

3.7. Orientações para o uso em sala de aula

As histórias em quadrinhos são recursos valiosos para o desenvolvimento e conscientização de vários temas importantes. Neste sentido, a revista em quadrinhos intitulada **“Origem: Lutas e Resistência da Comunidade Conceição”** ganha aqui a mesma finalidade. Para o desenvolvimento e utilização da mesma, propomos uma articulação interdisciplinar entre as disciplinas de História e Geografia, pois a referida revista pode fornecer uma ideia de aspectos da vida social da comunidade em questão.

- ***Ensino Fundamental Menor (1º ao 5º ano):***

No que compreende esta etapa de ensino, a sua utilização pode abordar a história de surgimento da comunidade Conceição, assim como uma abordagem da vida cotidiana dos moradores, dialogando sobre a organização social, financeira, e formas de trabalhos solidários que existiram e existem dentro da comunidade. O professor, ao fazer uma articulação interdisciplinar, pode trabalhar e desenvolver a consciência da:

- Leitura de textos e imagens;
- Valorização da formação histórica de cada indivíduo;
- Aspectos regionais como a cultura da nossa comunidade, linguagem, formas de produção, entre outros;
- Geolocalização e formação territorial;
- Variedades de plantas cultivadas na região;
- Distribuição de alimentos como forma de pagamentos.

- ***Ensino Fundamental Maior (6º ao 9º ano):***

No que diz respeito a esta etapa de ensino, o docente, ao abordar os conteúdos transversais de forma interdisciplinar nos componentes de **História e Geografia**, pode deixar em evidência os aspectos da vida social e cotidiana dos moradores, ou seja, dialogar com os

discentes sobre a estrutura comunitária na qual estes estão inseridos diariamente. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), em seu texto base, aponta que:

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. A transversalidade difere-se da interdisciplinaridade e complementam-se; ambas rejeitam a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A primeira se refere à dimensão didático-pedagógica e a segunda, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada [...] (Brasil, 2013, p. 29).

A BNCC aponta os temas transversais que podem ser trabalhados de forma interdisciplinar, no que diz respeito ao **multiculturalismo**, o professor pode discutir sobre a cultura e formação identitária dos discentes, colocando em evidência a formação cultural das comunidades. Já no que diz respeito à **cidadania** e ao **civismo**, o professor pode trazer como evidência a organização familiar dos moradores da comunidade Conceição, dialogando com a sua estrutura e organização, tanto no que tange ao passado como aos dias atuais. Na **economia**, podemos dialogar com as formas de trabalhos existentes dentro da comunidade, assim como as suas obtenções de renda, pois a história em quadrinhos, ao analisar o contexto histórico de surgimento da comunidade Conceição, deixa em evidência toda a sua formação econômica.

Ao dialogar com esses temas transversais, o professor poderá não apenas ensinar sobre multiculturalismo, economia, cidadania e civismo, mas poderá ir além destes temas transversais, reforçando ainda mais a identidade camponesa dos discentes, assim como ensinar sobre a importância dos aspectos culturais que fazem parte do dia a dia.

- ***Ensino de Jovens e Adultos - EJA (1ª à 5ª etapas):***

Para o ensino da EJA, a história em quadrinhos pode ser utilizada e apresentada como um atrativo que dialogue com os conhecimentos prévios desse público. Quando nos referimos à EJA, temos que ter a noção e entendimento de que esse público em particular é advindo de realidades bem peculiares, em que em sua maioria são trabalhadores e trabalhadoras que conhecem bem a realidade social, econômica e que vivenciaram acontecimentos contidos nessa revista em questão. Ao mostrar para esse público que as suas histórias são de fato importantes,

podemos ensinar a partir de sua realidade, levando em consideração os seus conhecimentos empíricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, consideramos que a comunidade Brejo da Conceição apresenta diversas particularidades desde seu surgimento. Os estudos acerca da temática Educação do Campo podem auxiliar na compreensão das particularidades que existem nas comunidades camponesas, para evidenciar os sujeitos e vivências que existem dentro delas. Os estudos acerca da memória, juntamente com a educação do campo, são um forte precursor para que sejam trazidas à luz as discussões camponesas em suas variadas formas, seja por reconhecimento, terras, e direito a uma educação do e no campo.

As pesquisas de cunho narrativo nos possibilitam ter um olhar mais atento e crítico de todo o contexto de formação das comunidades camponesas, uma vez que o latifundiário expulsa os moradores de dentro das suas moradias. Para que os grupos dominantes possam produzir em grandes escalas, é necessário haver tal dominação dos mais fracos. Os levantamentos realizados sobre as temáticas Solidariedade, Reciprocidade, Ajuda Mútua, como forma de mutirões, são questões que nos auxiliam no entendimento de como as famílias camponesas, em meio a tantas opressões sofridas, se organizavam. Ao olhar para tais questões, podemos ter a percepção de que as comunidades não são apenas meros conglomerados de casas e amontoados de pessoas, dentro das comunidades camponesas, existem relações que devem ser vistas e entendidas. Além disso, o estudo sobre tais questões pode auxiliar na preservação das memórias e saberes que constituem as comunidades.

Ao guardarmos as memórias dos povos da comunidade Brejo da Conceição, estamos contribuindo para a história e a identidade desse povo, uma vez que as lembranças e as vivências são fatos de suma importância social. Desta forma, aliado aos estudos sobre educação do campo, memória, histórias em quadrinhos e as inúmeras narrativas camponesas, este estudo contribui para a preservação dos camponeses da Comunidade Brejo da Conceição. Os estudantes que estão iniciando os seus estudos podem ter acesso à história de seu povo através do produto aqui exposto, tendo assim o conhecimento das suas lutas e vivências que não serão perdidas com o tempo.

Consideramos, ainda, que as Histórias em Quadrinhos são excelentes recursos que podem ser utilizados para divertir, informar, dialogar sobre os assuntos educacionais. As

Histórias em Quadrinhos podem ser usadas, ainda, como excelentes recursos para preservar e contar a história dos povos, que acaba muitas vezes sendo esquecida com o passar do tempo. As narrativas contidas nas histórias são muitas vezes verbalizadas, passadas de forma oral, e como foi dito acima, acabam sendo perdidas no tempo. Assim como um livro preserva as histórias e vivências verbalizadas de povos antigos, as Histórias em Quadrinhos têm o mesmo intuito.

Por mais que seja um recurso ainda novo em termos de desenvolvimento, as HQs são consideradas um forte aliado dos povos que não sabem ler, pois neste mundo em que a leitura é fundamental para desenvolvermos várias questões do cotidiano, as histórias através das imagens, aliadas aos textos narrados, podem chegar a vários outros lugares. Ao serem utilizadas no ambiente escolar, as Histórias em Quadrinhos abrem novos caminhos para o entendimento de temas que podem ser de fundamental importância para a construção da identidade camponesa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Transformações na vida camponesa:** o sudoeste paranaense. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. *In:* BRESCIANI, Stella; NAXARA, Marcia (org.). **Memória e (res)sentimento:** indagação sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2004. p. 15-36.

ANTUNES, Irandé Costa. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. **Perspectiva**, v. 20, n. 1, p. 65-76, 2002.

ARROYO, Miguel G. Formação de Educadores do Campo *In:* CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 361-367.

BARROS, José D. Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. **Tempos históricos**, v. 15, n. 1, p. 317-343, 2011.

BENJAMIN, W. **O anjo da história.** 2. ed. São Paulo: Editora Autêntica, 2016.

BERNARDON, Dayse Grassi; DA CONCEIÇÃO COSTA-HÜBES, Terezinha; SELLA, Poliana. Análise do gênero discursivo tiras em quadrinhos a partir do método sociológico de Bakhtin. **Línguas & Letras**, v. 17, n. 35, p. 126-140, 2016.

BOSI, E. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. **Dispositiva:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e

Artes da PUC Minas, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, nov. 2012 / abr. 2013, p. 196-199. Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Nova Iorque: Ballantine Books em, 1ª edição (1 junho 2012), 1953.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas: UNICAMP, 2005. p. 87-98.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Resolução CNE/CEB nº 1, de 3 de abril de 2002: institui diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. **Diário Oficial da União**, 9 abr. 2002.

BRASIL Presidência da República. Decreto no 7.352, de 4 de novembro de 2010: dispõe sobre a Política Nacional de Educação do Campo e sobre o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. **Diário Oficial da União**, 5 nov. 2010.

BRASIL, CAPES. **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2019b.

BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CALDART, Roseli Salete. Formação de Educadores do Campo *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 259-267.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001.

CATTANI, Antônio Devid. Ação coletiva. *In*: CATTANI, Antônio Devid; HOLZMANN, Lorena (Org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Zouk, 2011. p. 457-462.

CHARRONE, J. P.; BARBOSA, F. do L. História, resistência e modos de produção na comunidade Brejo da Conceição – Currais/PI. **Revista Aedos**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 231-251, 2022.

CHAYANOV, A. V. On the theory of non-capitalist economic systems. *In*: THORNER, D. (compil.). **The theory of peasant economy**. Illinois: Kerblay y Smith, 1966.

CHAYANOV, Alexander V. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. A teoria da economia camponesa. *In*: ELLIS, Frank. **Peasant economics: farm household and agrarian development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CIRNE, Moacy. **Literatura em quadrinhos no Brasil: acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

FABRINI, João Edmilson. A resistência camponesa para além dos movimentos sociais. **Revista NERA**, Presidente Prudente/SP, ano 10, n. 11, julho/dezembro 2007, p. 08-32.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**, v. 1, p. 197-215, 2009.

FREITAS, Rony. Produtos educacionais na área de ensino da CAPES: o que há além da forma? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, v. 5, n. 2, 2021, p.05-20.

GORENDER, Jacob. **Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In: LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas/SP: Unicamp, 1990. p. 423-483.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAINT, B. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.

MAGALHÃES LIMA, D. **O Caboclo Amazonense: um Estudo de Antropologia Econômica na Microrregião Solimões-Japurá**. Departamento de História e Antropologia, UFPA, 1987. (Manuscrito).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais e Produção Linguística**. Macapá: ILAPEC, 2006.

MARCUSCHI, Luz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARINHO, Fernando. História em quadrinhos. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/historia-quadrinhos.htm>. Acesso em: 28 out. 2022.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1981.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Coordenação e revisão de Paul Singer. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores, livro 1, tomo 2).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Território, espaço de identidade. *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular; UNESP; Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 217-227.

MELO, Luciana da Silva; BORGES, Nagoberto Rômulo Pinheiro; NASCIMENTO, Samara Brito do. **O uso de histórias em quadrinhos no ensino de língua inglesa: um estudo bibliográfico**. Macapá: UNIFAP – Universidade Federal do Amapá, 2009.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: GERON, Charles-Robert (Org.). **Lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1984. v. 2.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo, FFACH, 2007.

PALHARES, Marjory. **História em Quadrinhos: Uma ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Curitiba: Secretaria de Educação do Paraná, 2008.

PENA, Rodolfo F. Alves. O que é Capitalismo?. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-capitalismo.htm>. Acesso em: 29 set. 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PONTES, Beatriz Maria Soares. A organização da unidade camponesa: alguns aspectos do pensamento de Chayanov e de Marx. **Revista NERA**, Presidente Prudente/SP, ano 8, n. 7, Julho/Dezembro, 2005, p. 35-47.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e análise de políticas públicas rurais. **Ruris**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 53-90, set. 2012.

SANTOS, Milton. O retorno do território. *In*: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC/ Annablume, 2002. p. 251-261.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia Usp**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993.

SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva Maria da; SOUSA, Glaucia Macedo. Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, n. 1, p. 201-220, jan.-abr. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000100012>.

SILVA, Francisco Euguenys Medeiros da. **Guia de Aulas de Campo de Geografia Integrada à Educação profissional e Técnica de Nível Médio**. Fortaleza: IFCE, 2020.

TAVARES, Mayara Barbosa. **O uso das histórias em quadrinhos no contexto escolar: contribuições para o ensino/aprendizado crítico-reflexivo**. *In: IV EDIPE – ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO*, 2011. **Anais [...]**. 2011.

VASCONCELOS, Maria Tamires; FEITOSA, Raphael Alves; OLIVEIRA, Francisco Robson Carvalho de. Fotonovela: a arte de unir os quadrinhos ao ensino. *In: PEREIRA, Ana Carolina Costa; ALCÂNTARA, Cláudia Sales de (Orgs.). Histórias em quadrinhos na educação: possibilidades de uma prática*. Fortaleza: Editora da UECE, 2021. [livro eletrônico]

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de economia e sociologia rural**, v. 52, p. 25-44, 2014.

WILLIAM, Bernard. Formal structures and social reality. *In: SAMBETTA, Diego (Ed.). Trust: Markin and breaking cooperative relations*. Oxford/Cambridge: Brasil Blackwell, 1988.

WOOD, Ellen Meiksins. As origens agrárias do capitalismo. **Críticas Marxistas**, São Paulo, Boitempo, v. 1, n. 10, p. 12-29, 2000.

WOORTMANN, Klaas. **“Com parente não se negocia.”** O campesinato como ordem moral. Brasília; Rio de Janeiro/RJ: Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa: **"RESSIGNIFICANDO AS MEMÓRIAS DA COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO, CURRAIS – PI"** vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Caso você concorde em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Você receberá uma cópia deste termo, onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar dúvidas da pesquisa e de sua participação.

OBJETIVO: “Investigar a história da comunidade Brejo da Conceição, em seu surgimento”.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Caso você aceite participar da pesquisa, realizaremos inicialmente uma entrevista semiestruturada com o (a) professor, grupo de estudo, oficinas formativas e encontros para sistematização das atividades.

RISCOS E DESCONFORTOS: Afirmamos que com a realização da pesquisa não ocorrerá riscos e prejuízos de qualquer espécie, tais como: desconforto, lesões, riscos morais, e constrangimento.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Salientamos que os sujeitos da pesquisa não arcarão com nenhum gasto decorrente da sua participação. Também os participantes da pesquisa não receberão qualquer espécie de reembolso ou gratificação devido à participação na pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Garantimos o sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, informando que somente serão divulgados os dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, após revisão dos entrevistados e autorização para publicação.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: FLÁVIO DO LAGO BARBOSA.

ENDEREÇO: COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO.

TELEFONE: (61) 9 9890-0171/ E-mail: flaviollagoo@gmail.com

PROFESSORA ORIENTADORA: Profa. Priscila Brasileiro silva do Nascimento (Pesquisadora/Orientadora)

Amargosa, 20 de outubro de 2023.

Pesquisador Responsável
FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

Prof. Dra. Responsável
PRISCILA BRASILEIRO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, portador do RG. Nº _____,
CPF: _____ aceito participar da pesquisa intitulada "**RESSIGNIFICANDO AS MEMÓRIAS DA COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO, CURRAIS – PI**".
Desenvolvida pela acadêmica /pesquisadora Deise Soraia Marta de Souza Galvão e permito que obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica. Tenho conhecimento sobre a pesquisa e seus procedimentos metodológicos. Autorizo que o material e informações obtidas possam ser publicados em aulas, seminários, congressos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, filmagens e gravações de voz ficarão sob a propriedade do pesquisador pertinente ao estudo e sob a guarda deles. Assim sendo, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informada pelo pesquisador **FLÁVIO DO LAGO BARBOSA** sobre os procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Declaro ainda que recebi uma cópia desse Termo de Consentimento

Amargosa, 20 de outubro de 2023.

FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

Nome completo do pesquisado

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES DA COMUNIDADE

- 1. Qual é o seu nome?**
- 2. Quantos anos o senhor (a) tem?**
- 3. Há quantos anos você mora na comunidade Brejo da Conceição?**
- 4. Como a comunidade surgiu?**
- 5. Como era a sua vida na comunidade de antigamente?**
- 6. O que o senhor (a) se lembra da comunidade?**
- 7. O que o senhor (a) mais sente falta da antiga comunidade. Por quê?**
- 8. O que o senhor (a) menos sente falta?**
- 9. O que o senhor (a) mais gosta na nossa comunidade atualmente?**
- 10. O que mudou de antigamente para os dias de hoje?**
- 11. Quais são as principais atividades culturais da região?**
- 12. O senhor vive da produção de artigos feitos através do artesanato?**
- 13. Quais artigos ou produtos artesanais são produzidos na comunidade?**
- 14. Como o senhor (a) aprendeu a sua profissão?**
- 15. Hoje em dia os seus filhos (as) fazem o mesmo que o senhor?**

AGRADECEMOS A SUA PARTICIPAÇÃO

The book cover features a vibrant illustration. On the left, a large, leafy green tree with several red fruits stands on a grassy field. A man wearing a red long-sleeved shirt, blue pants, and a straw hat sits cross-legged at the base of the tree, smoking a pipe. A blue woven basket sits on the ground near him. A dirt path winds from the foreground towards the background. On the right side of the path, a young boy in a yellow shirt and blue shorts carries several logs on his back. In the background, a wooden fence separates the field from a red barn. The sky is a clear blue, and a large, stylized yellow sun with a spiral pattern is positioned in the upper right corner.

FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

ORIGEM

LUTAS E RESISTÊNCIAS DA
COMUNIDADE CONCEIÇÃO

UFRB

FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

O **RIGEM**

**LUTAS E RESISTÊNCIAS DA
COMUNIDADE CONCEIÇÃO**

UFRB

Apresentação

A presente revista em quadrinhos tem a finalidade de transmitir às futuras gerações um pouco das histórias e vivências dos moradores da comunidade Brejo da Conceição em seu surgimento. Mergulhe nas histórias desta comunidade, essa História em Quadrinhos é uma porta para o passado, revelando as vivências e a jornada de seus moradores desde a fundação. Uma viagem emocionante, que preserva a memória e a identidade da comunidade para as futuras gerações. O trabalho coletivo é algo que temos que valorizar e aprender, pois, o passado nos ensina que por mais que a situação possa ser difícil, podemos superar com trabalho e união. Espero que este trabalho possa ensinar aos seus leitores, proporcionando momentos de pura diversão, aprendizado e que todos possam viajar e vivenciar através das suas imaginações as narrativas aqui contidas.

É com grande alegria e satisfação, que dedico esta pequena obra a todos os moradores da Comunidade Brejo da Conceição.

QUEM SOMOS NÓS?



FLÁVIO DO LAGO BARBOSA

Professor, Mestrando em Mestrado Profissional em Educação do Campo, na linha de pesquisa – Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo e Educação, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Campus de Formação de Professores - CFP, Amargosa/BA. Especialista em educação infantil e nos anos iniciais. Graduado em Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Professora Cinobelina Elvas - CPCE , Bom Jesus/Pi.

PRISCILA BRASILEIRO SILVA DO NASCIMENTO

Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, do campus de Feira de Santana - Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, CETENS - UFRB. Doutora e Mestre em Educação Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Estudos Linguísticos e Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Tem experiência na área de Educação com estudos sobre formação de professores, Educação do Campo, Educação Popular , movimentos sociais do campo, formação de leitores, letramentos e alfabetização, Ensino de Língua materna e áreas afins.



BREJO DA CONCEIÇÃO

UMA COMUNIDADE
MARCADA POR HISTÓRIAS
DE LUTAS E RESISTÊNCIAS.



Temas Abordados

◆ *Origem da Comunidade Brejo Da Conceição.*

◆ *Expropriação de Terras.*

◆ *Arrendamento de Terras.*

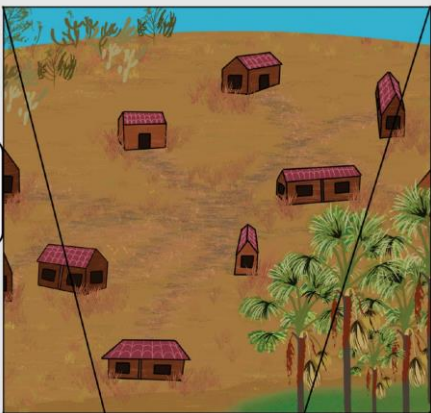
◆ *Pagamento de Renda.*

◆ *Reciprocidade e Mutirões.*



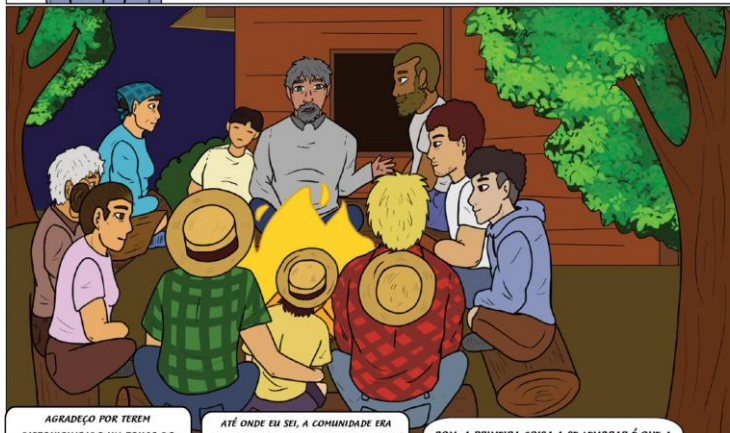
OLÁ, A TODOS! HOJE IREI APRESENTAR UM POUCO DA HISTÓRIA DA COMUNIDADE CONCEIÇÃO!

PARA ISSO, IREI PEDIR QUE ALGUNS MORADORES FALEM SOBRE! VAMOS COMIGO NESTA JORNADA DE DESCOBERTAS?





ME REUNI COM OS MORADORES, AO REDOR DE UMA FOGUEIRA PARA RELEMBRARMOS A HISTÓRIA DE ORIGEM DA COMUNIDADE, ONDE ELES VIVIAM ANTES DE CHEGAREM NO LUGAR QUE NOS TEMPOS ATUAIS CHAMAM DE LAR.



AGRADEÇO POR TEREM DISPONIBILIZADO UM POUCO DO TEMPO DE VOCÊS. GOSTARIA QUE VOCÊS FALASSEM, UM POUCO SOBRE A ORIGEM DA COMUNIDADE.

ATÉ ONDE EU SEI, A COMUNIDADE ERA APENAS UM PUNHADO DE CASAS EM MEIO À VASTIDÃO DO CAMPO. ENTÃO ME DIGAM QUAIS ERAM AS DIFICULDADES QUE VOCÊS ENCONTRAVAM?

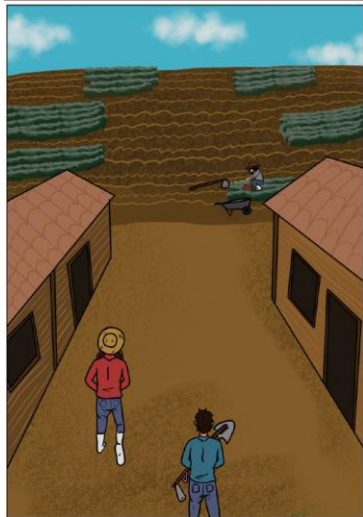
BOM, A PRIMEIRA COISA A SE LEMBRAR É QUE A GENTE VIVIA EM UMA FAZENDA, LÁ A GENTE TRABALHAVA E DESDE CRIANÇA A ÚNICA COISA QUE PODÍAMOS FAZER ERA TRABALHAR

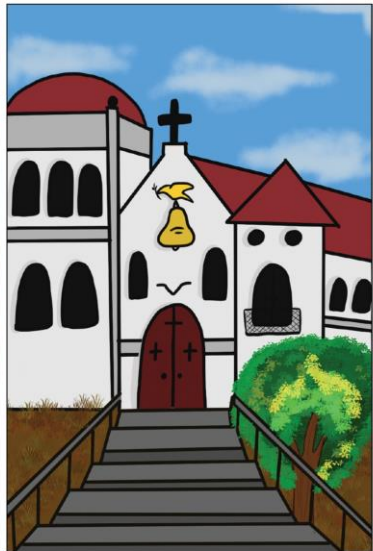
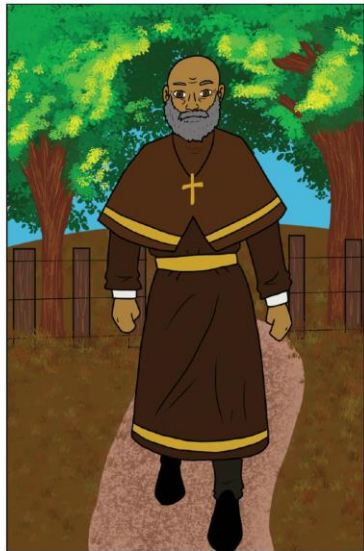


MAS MESMO COM ESSA VIDA DIFÍCIL QUE A GENTE TINHA, A GENTE AINDA ASSIM TÍNHAMOS NOSSOS AMIGOS E VIZINHOS E AJUDÁVAMOS UNS AOS OUTROS.



ATÉ QUE O PADRE PEDRO CHEGOU, ELE CHEGOU DIZENDO QUE ERA O NOVO DONO DAS TERRAS, E TOMOU AS TERRAS PARA SI EM NOME DE UMA TAL DE ALTA INQUISIÇÃO.



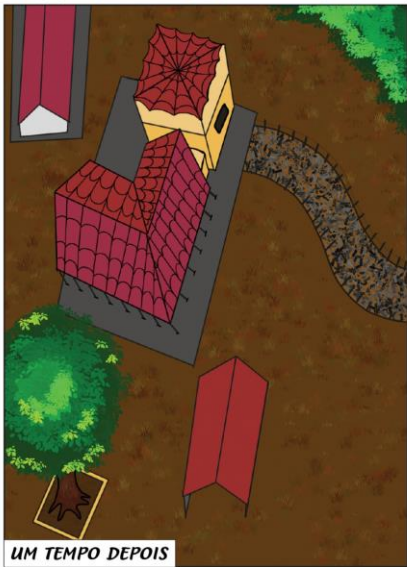


AGRADEÇO A ATENÇÃO DE VOCÊS, COMPREI
ESSAS TERRAS RECENTEMENTE, MAS NÃO
SE PREOCUPEM, VOCÊS AINDA IRÃO MORAR
AQUI. MAS VOCÊS TERÃO QUE TRABALHAR
ENTENDERAM?



A PRIMEIRA COISA QUE EU PEÇO, É QUE
ME AJUDEM A CONSTRUIR MINHA CASA.





UM TEMPO DEPOIS





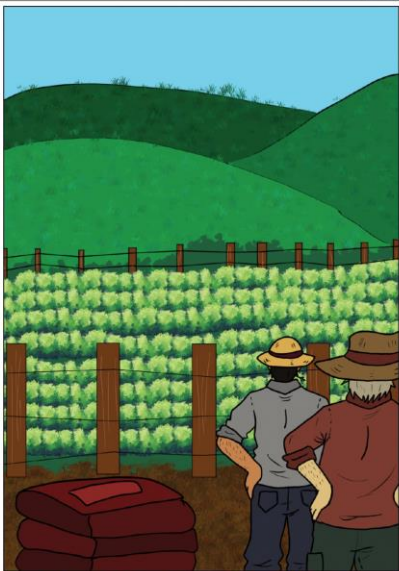
PEÇO DESCULPAS, MAS ESSE ANO NÃO CONSEGUI PRODUZIR MUITO, MAS AQUI É A MINHA PARTE.



NÃO TEM PROBLEMA, EU VI QUE O CLIMA NÃO ESTAVA TÃO FAVORÁVEL.



LOGO APÓS UM CERTO TEMPO, A FAZENDA TEVE DOIS NOVOS PROPRIETÁRIOS JOSE CASTRO E SENHOR CARRA E ELAS FORAM OS TERCEIROS DONOS DAS TERRAS E DERAM ORIGEM A FAZENDA FRANCA BRASILEIRA.



E DEPOIS DE UM CERTO TEMPO, A FAZENDA TEVE UM NOVO PROPRIETÁRIO, E O NOME DELE ERA ALUIZIO MOREIRA DE ANGELIM.



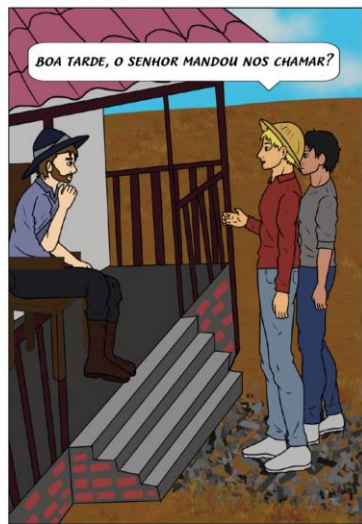
ASSIM QUE O ALUÍZIO CHEGOU, AS COISAS MUDARAM POR LÁ, ELE FOI COM UM PROGRAMA CHAMADO SUDENE.



ANTES DA CHEGADA DESSE HOMEM, AS COISAS ERAM BEM ROTINEIRAS, ERA SEMPRE AS MESMAS COISAS, PLANTAR, CUIDAR E COLHER.



E JÁ QUE ELE ERA UMA PESSOA FLUENTE NO MEIO POLÍTICO, AS COISAS FICARAM BEM DIFERENTES POR LÁ.





GOSTARIA DE PEDIR O APOIO DOS SENHORES PARA A APROVAÇÃO DO PROJETO DA SUDENE NA MINHA REGIÃO.



A REGIÃO DO SUL DO PIAUÍ É BEM FÉRTIL, ACHO VIÁVEL DESENVOLVER NA REGIÃO.

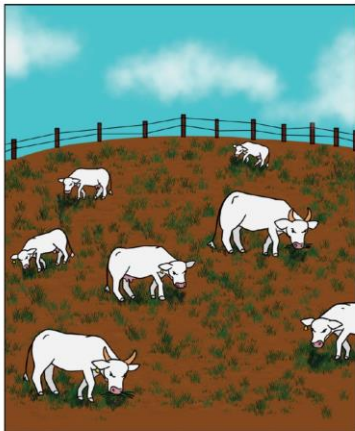
A CRIAÇÃO DE GADOS É MAIS RENTÁVEL....

CERTO! IREMOS APLICAR O PROJETO NA REGIÃO SUL DO PIAUÍ.





*APÓS ALGUNS DIAS, O SENHOR ALUÍZIO
CHEGA NA FAZENDA COM MUITOS GADOS,
DANDO INICIO ASSIM A CRIAÇÃO DOS BOVINOS.*





A CHEGADA DO SENHOR ALUÍZIO MUDOU AS COISAS E COMEÇAMOS A PROSPERAR. ATÉ QUE AQUELE HOMEM CHEGOU.




O QUINTO DONO DA FAZENDA NÉ?



ENTÃO MUITOS DE NÓS NOS RECUSAMOS A SAIR DAQUELE LUGAR.

SIM, O NOME DELE ERA CHUXA, E ELE NÃO QUIS QUE FICÁSSEMOS LÁ E LOGO NOS MANDOU EMBORA, PORÉM, NÃO TÍNHAMOS PARA ONDE IR.





A GENTE PODIA FAZER NADA...
ALGUNS DOS MORADORES PEDIRAM
PRA FICAR, E MUITOS ATÉ DIZIAM
QUE NÃO IRIAM SAIR DE JEITO ALGUM.



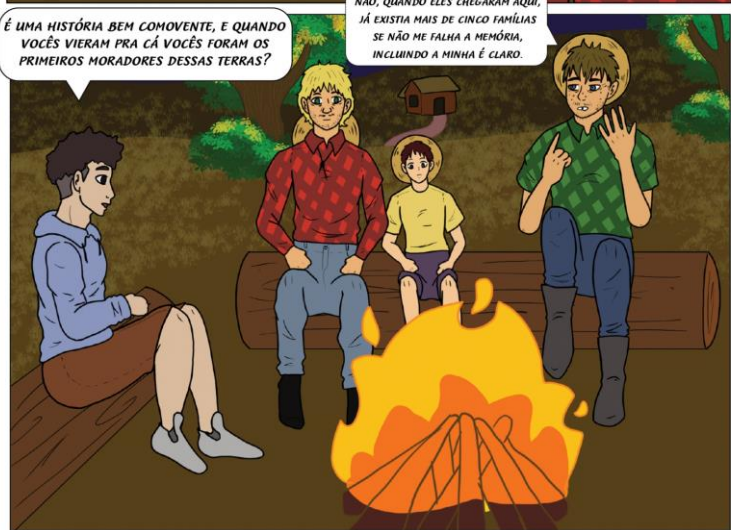
O POVO FICOU REVOLTADO AO SER EXPULSO
DAQUELE LUGAR, MAS O CHUXA ACABOU
LEVANDO MAIS DE 80 FAMÍLIAS A JUSTIÇA.



EM FIM, POR MAIS QUE TENHAMOS TENTADO FICAR
NAQUELE LUGAR, MESMO SEM A AUTORIZAÇÃO
DO CHUXA, NÃO TEVE JEITO E TIVEMOS QUE SAIR
DE LÁ POR UMA ORDEM JUDICIAL.



MAS EM TROCA, RECEBEMOS CERCA DE 20 HECTARES DE TERRA PARA CADA FAMÍLIA, E HOJE EM DIA É ONDE A GENTE VIVE DESDE ENTÃO.



É UMA HISTÓRIA BEM COMOVENTE, E QUANDO VOCÊS VIERAM PRA CÁ VOCÊS FORAM OS PRIMEIROS MORADORES DESSAS TERRAS?


NÃO, QUANDO ELAS CHEGARAM AQUI, JÁ EXISTIA MAIS DE CINCO FAMÍLIAS SE NÃO ME FALHA A MEMÓRIA, INCLUINDO A MINHA É CLARO.



ELES VIERAM DE BEM LONGE, CERCA DE UM QUILOMETRO DAQUI ATÉ A FAZENDA, MAS CONHECIAMOS MUITOS DELES E ALGUNS ATÉ ERAM PARENTES.

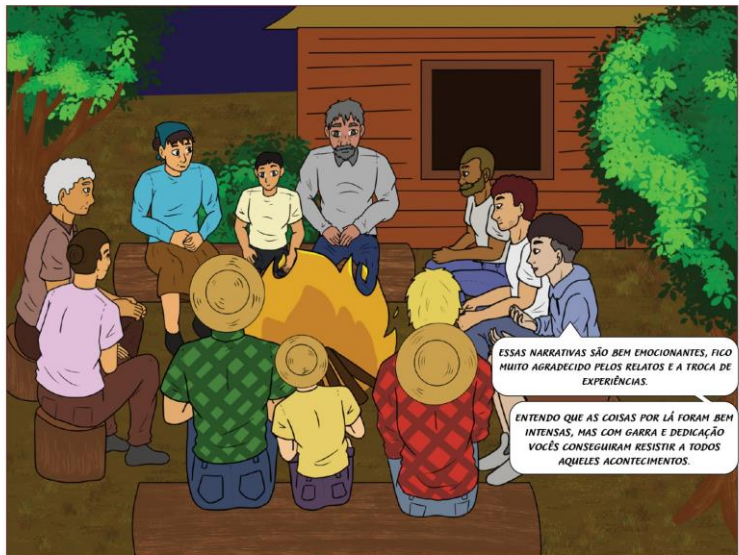


BOM, A GENTE CHEGOU AQUI BEM DESANIMADOS E NA VINDA PARA CÁ FOI UM POUCO DIFÍCIL.



POIS É, FOI BEM DIFÍCIL NOS ADAPTAR E ESTÁVAMOS ABALADOS, MAS HOJE EM DIA LEVAMOS UMA VIDA TRANQUILA.

EU MESMO SOU UM DOS QUE TINHA CONHECIDOS POR AQUI, MAS ISSO NÃO ESCONDE O FATO DE QUE FOI DIFÍCIL NO COMEÇO.

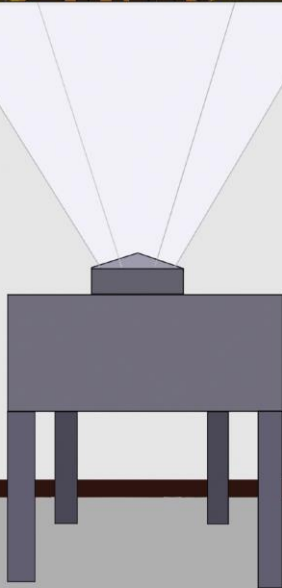


OBRIGADO PELA ATENÇÃO!

ESSA HISTÓRIA RETRATOU AS LUTAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELA COMUNIDADE "CONCEIÇÃO".

ATRAVÉS DESTA APRESENTAÇÃO, AS MEMÓRIAS DOS POVOS CAMPONESES DA "COMUNIDADE BREJO DA CONCEIÇÃO" PODEM CHEGAR A MUITOS OUTROS LUGARES.

AGRADEÇO A TODOS QUE PARTICIPARAM DESTA APRESENTAÇÃO!





*Vamos
Brincar?*



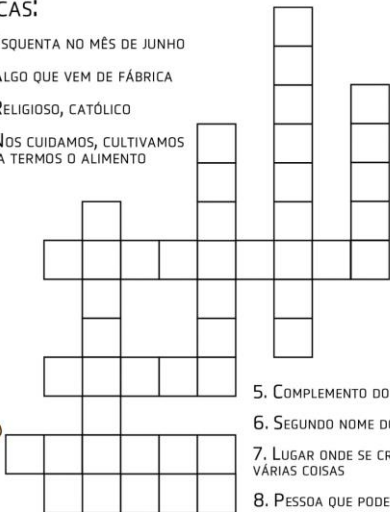


**CAÇA
PALAVRAS**

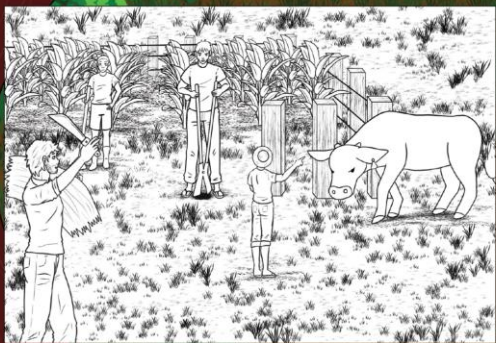
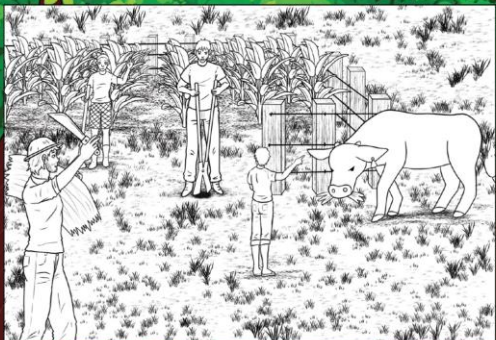
R	H	O	E	D	S	S	F	E	A	P	C
A	H	G	M	R	S	E	O	R	I	I	R
E	P	I	Y	R	I	O	G	E	C	T	P
A	E	L	R	C	A	T	U	N	P	E	A
A	B	N	A	I	N	A	E	D	C	A	D
H	N	F	E	N	M	F	I	A	T	T	R
O	T	P	A	I	T	N	R	D	E	O	E
R	N	F	G	Z	F	A	A	S	R	I	L
I	C	O	N	C	E	I	Ç	Ã	O	T	H
G	C	T	A	P	F	N	M	Ã	E	A	E
E	E	I	S	O	D	G	D	O	O	N	I
M	S	O	R	O	A	G	K	A	C	O	I

DICAS:

1. ESQUENTA NO MÊS DE JUNHO
2. ALGO QUE VEM DE FÁBRICA
3. RELIGIOSO, CATÓLICO
4. NOS CUIDAMOS, CULTIVAMOS PARA TERMOS O ALIMENTO



CRUZADINHA



**ENCONTRE
OS 7 ERROS**

UF B

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia



PPGEDUCAMPO

Programa de Pós-Graduação
em Educação do Campo / UFRB

Mestrado Profissional em Educação do Campo

